

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A ESCOLA SENADOR CORREIA:
A escola como espaço para problematizar a vida

NINA REIS PEREIRA

Rio de Janeiro
2009

NINA REIS PEREIRA

A ESCOLA SENADOR CORREIA:

A escola como espaço para problematizar a vida



Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Albernaz

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Pai, Eduardo, que me possibilitou a maravilhosa experiência de estudar nesta escola, investindo na época o correspondente a um Fusca por ano, como ele gostava de dizer. Aqueles que estiveram ao meu lado durante todo este percurso acadêmico, meu marido Rafael, minha mãe Dalva, minha tia-madrinha Valéria e meus avôs Luzia e David. Agradeço também aos amigos que cruzaram o meu caminho nesta trajetória, juntamente com os professores, que fizeram deste grupo uma família e do ambiente escolar um verdadeiro lar. Muitos destes antigos alunos e professores me apoiaram colaborando com suas opiniões para a construção deste documento. Agradeço minha orientadora Sandra Albernaz. Á minha avó Rachel, que hoje se encontra presente do lado de dentro de minha alma, o lugar mais seguro para se guardar quem se ama.

Muito obrigado!

RESUMO

A pesquisa reúne relatos da memória afetiva de ex-professores e ex-alunos que estudaram na Escola Senador Correa, que tinha uma proposta de ensino alternativa baseada principalmente nas concepções freinetiana do ensino. A escola iniciou suas atividades pedagógicas em 1873, e as encerrou em 1998. A instituição é apresentada através da vivência da autora desta monografia como aluna nos anos (1990-1998). Este trabalho propõe descobrir de que forma a metodologia da Escola Senador Correia contribuiu para a formação do aluno como sujeito transformador do mundo onde está inserido. Objetiva-se assim, discutir o papel que uma instituição de ensino desempenha na vida do indivíduo. Para ampliar esta discussão serão apresentadas concepções pedagógicas de autores que questionaram a escola tradicional. O processo da aprendizagem no cotidiano escolar da educação para ser significativo precisa ser realizado de forma prazerosa para o aluno, para que possa acompanhar e possibilitar o desenvolvimento das crianças de forma integral.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Senador Correia- Celestin Feinet- Educação transformadora

“Escola Inclusiva”

Carlos Drummond de Andrade

Eu queria uma escola que cultivasse
à curiosidade de aprender
que é em vocês natural.

Eu queria uma escola que educasse
seu corpo e seus movimentos:
que possibilitasse seu crescimento
físico e sadio. Normal

Eu queria uma escola que lhes
ensinasse tudo sobre a natureza,
o ar, a matéria, as plantas, os animais,
seu próprio corpo. Deus.

Mas que ensinasse primeiro pela
observação, pela descoberta,
pela experimentação.

E que dessas coisas lhes ensinasse
não só o conhecer, como também
a aceitar, a amar e preservar.

Eu queria uma escola que lhes
ensinasse tudo sobre a nossa história
e a nossa terra de uma maneira
viva e atraente.

Eu queria uma escola que lhes
ensinasse a usarem bem a nossa língua,
a pensarem e a se expressarem
com clareza.

Eu queria uma escola que lhes
ensinassem a pensar, a raciocinar,
a procurar soluções.

Eu queria uma escola que desde cedo
usasse materiais concretos para que vocês pudessem ir formando
corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações... pedrinhas...
só porcariinhas!... fazendo vocês aprenderem brincando...

Oh! meu Deus!

Deus que livre vocês de uma escola
em que tenham que copiar pontos.

Deus que livre vocês de decorar
sem entender, nomes, datas, fatos...

Deus que livre vocês de aceitarem
conhecimentos "prontos",
mediocrementemente embalados
nos livros didáticos descartáveis.

Deus que livre vocês de ficarem
passivos, ouvindo e repetindo,
repetindo, repetindo...

Eu também queria uma escola
que ensinasse a conviver, a
cooperar,
a respeitar, a esperar, a saber viver
em comunidade, em união.

Que vocês aprendessem
a transformar e criar.

Que lhes desse múltiplos meios de
vocês expressarem cada
sentimento,
cada drama, cada emoção.

Ah! E antes que eu me esqueça:
Deus que livre vocês
de um professor incompetente.

INTRODUÇÃO

Todas as pessoas passam um grande período de sua vida na escola. Este é um local de produção de conhecimentos, crescimento individual e desenvolvimento de uma preocupação com os aspectos sociais e coletivos da vida. Este trabalho procura discutir sobre o papel que uma escola representa na vida de um indivíduo.

Historicamente duas instituições educativas, em particular, sofreram uma profunda redefinição e reorganização na Modernidade: a família e a escola, que se tornaram cada vez mais centrais na experiência formativa dos indivíduos e na própria reprodução (cultural, ideológica e profissional) da sociedade.

Com o advento da revolução industrial a complexidade social exigiu o aparecimento de uma instituição própria e aparelhada para transmitir os conhecimentos e padrões culturais e ideológicos, que garantissem ao aluno o preparo para ingressar no mercado de trabalho, além de buscar a sua passiva adaptação a sociedade.

A evolução histórica foi ampliando o papel da escola, que passou então a complementar a educação oferecida em casa, pelas famílias. Grandes educadores e escolas com ensino alternativo ao tradicional, começam a indagar sobre o seu papel reprodutor do sistema vigente se preocupando com a formação deste aluno como sujeito social.

Porém, ainda são poucas as escolas que têm esta preocupação de formar um aluno para transformação social. Por esse motivo escolhi abordar este tema, que apesar de ser importante para toda a sociedade, não é abraçado como objetivo maior pela maioria das escolas atuais.

Existem outros fatores, como a formação dos professores, merece espaço nesta discussão. A má formação destes profissionais o levam a reproduzir em sala de aula com seus alunos a forma que aprenderam, uma didática errônea que visa padronizar os alunos. Como consequência, este despreparado profissional para atuar desencadeia um ciclo sem volta, já que os futuros professores formados, sem ter uma postura crítica, também continuarão a repetir esse modelo de educação, que na verdade está ultrapassado.

Para colocar em foco esta discussão, teremos como base a proposta educacional da Escola Senador Correa, localizada na cidade do Rio de Janeiro, que funcionou de 1874 até 1998, que tinha uma linha pedagógica cuja preocupação era a de potencializar as subjetividades dos alunos e torná-los socialmente críticos, para contestarem valores do mundo onde estão inseridos.

Como esta escola não existe mais, o relato do trabalho que foi desenvolvido lá será apresentado através da vivência como aluna da autora desta monografia, além das contribuições de outros ex-alunos e ex-professores da escola obtida através de questionários por eles respondidos.

Foi muito difícil procurar por antigos documentos da escola, já que esta fechou antes da propagação da internet, não existindo assim quase nada sobre o assunto na web. Foi então que, em busca de outras opiniões pensei em procurar por antigos alunos e professores da escola, pois afinal ninguém melhor do que a comunidade escolar para falar desta instituição. Descobri que em um site de relacionamentos (Orkut) existe uma comunidade dedicada à escola. Abri então um fórum, ambiente onde pode relacionar um subtema, explicando que escreveria minha Monografia para a conclusão do curso de Pedagogia sobre a escola e que precisaria da opinião, as memórias, de outras pessoas que lá estudaram e trabalharam, e que havia preparado uma entrevista para que eles pudessem contar sobre sua experiência neste espaço.

Para reunir essas informações foram preparadas duas entrevistas diferentes: uma para ex-alunos e outra para ex-professores. Essas entrevistas contam com perguntas que auxiliarão no esclarecimento sobre a metodologia da escola.

Este trabalho terá como umas das bases teóricas o livro ‘Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa’, de Paulo Freire. Escolhi este livro por acreditar que ele trás uma contribuição essencial para discutir o papel da escola, além de questionar a atuação do professor tradicional, como sendo apenas um transmissor dos conhecimentos. Freire salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia.

Outra referencia de grande importância será Celestin Feinet, já que a Escola Senador Correa, apresentava sua proposta pedagógica baseada nos idéias deste Educador.

1. ESCOLA SENADOR CORREIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A história da escola está ligada aos ideais do senador Corrêa, homem que fez uma carreira pública brilhante, iniciada no período do Império. O Senador era um ardoroso defensor da instrução para todos, no tempo em que o ensino público ainda não existia, criou a Associação Promotora da Instrução - API, em 1874, para concretizar seus sonhos.

Esta Associação, da qual foi o primeiro presidente, era formada por mais de setecentos cidadãos e através de suas mensalidades patrocinou patrocinava o ensino gratuito a meninos e meninas, incluindo aí o material usado pelos alunos, dos cadernos aos mapas.

Em terreno comprado de um banco alemão, a Escola Senador Corrêa foi construída em 1883 para formar professores, tornando-se a primeira escola normal do Brasil, com o nome de Escola da Glória. Seu primeiro diretor foi Ubaldino do Amaral.

Aqui, sem nenhuma subvenção dos cofres públicos, o ensino foi gratuito durante muitos anos, ministrado em aulas diurnas e noturnas por professores escolhidos a dedo pela Associação, que também fornecia todo o material usado pelos alunos. Conta-se até que a Princesa Isabel teria dado aulas de corte e costura, quando jovem.

Foi assim até 1930, quando então o Estado Novo assumiu o ensino público e a escola fechou. Reabriu em 1950 para ser cedida ao Colégio de Aplicação da UFRJ até 1970, quando então a Associação Promotora da Instrução retomou suas atividades, transformando-a em escola particular.

A linha pedagógica adotada a partir do final de 1970, baseada nos pensamentos de Piaget, de Roberto Freire e de Freinet, tornaram a Escola Senador Corrêa famosa e uma das cinco melhores escolas do Rio, com ensino alternativo ao tradicional. Em suas salas estudaram filhos de pessoas ilustres e também de personalidades conhecidas no meio artístico, como os filhos de Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Luis Melodia, Baby Consuelo, entre muitos outros. Abrigou eventos, festivais de música e seus professores ajudaram a formar cidadão, alguns dos quais hoje conhecidos no meio cultural.

Vendida à CAARJ para se transformar em hospital, suas atividades seriam interrompidas no meio do ano letivo de 1998, mas seus professores a mantiveram até o final

do ano letivo. Neste mesmo ano de 1998, em agosto, foi apresentado projeto de tombamento do prédio da escola tendo sido em dezembro assinado o provisório. A Lei de Tombamento foi sancionada em abril do ano seguinte (28/04/99).

Em setembro de 1999, dois meses depois da finalização do processo de venda da escola para a CAARJ, o prédio de número 14 da Rua Sen. Correa, onde funcionava a Educação Infantil da escola Senador Correa, foi demolido pelos novos proprietários. Teve início, então, a luta da AMAL, associação de moradores de Laranjeiras, para inviabilizar o processo de construção do hospital nesta área. Foi instaurado inquérito civil pelo Ministério Público.

Para solucionar o problema, em 2003 a Prefeitura decidiu assumir o prédio da escola, fazendo uma permuta com a CAARJ por outro terreno na Cidade Nova, para a construção de seu hospital. Através do cumprimento de uma obrigação de construção de uma escola por um empreendimento residencial, a Construtora AGENCO, assumiu a restauração do prédio, contratando para este trabalho, o arquiteto Alcides Horácio, especialista em restauração.

A reconstrução contou com o investimento e o esmero de uma equipe de primeira e o resultado final é uma referência em projeto e obra de restauração no Rio de Janeiro. O telhado foi todo reconstruído, as instalações elétricas, hidráulicas e pluviais refeitas, o piso de tabuas corridas, esquadrias e o madeiramento em geral, todos restaurados. O subsolo foi criado retirando-se algo em torno de 800 caminhões de entulho, para abrigar refeitório, cozinha, sanitários e vestiários. Um elevador e uma rampa de acesso garantem a acessibilidade universal.

O prédio volta à atividade de ensino para o qual foi construído, agora como Escola Municipal Senador Correa e a cidade ganha uma escola modelo, agora com ensino público, porém sua proposta pedagógica adotada não é a mesma.

Retirado do site: http://www.rio.rj.gov.br/ipp/noticias/nota_068.htm (Texto extraído de pesquisa e de entrevista com Luís Antonio, ex-diretor da Escola)

1.1 Minha trajetória na Educação

“ A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor, devo prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sobre montanha de cinzas. ”- Guimarães Rosa

Para contar-lhes sobre a minha história como estudante e o caminho que trilhei até me hoje me tornar professora, preciso fazer uma viagem de volta para o passado, e mergulhar no âmbito mais profundo de minhas lembranças: a memória. Este é um momento para recordar um encontro íntimo da pessoa que fui com a pessoa que hoje sou.

Como nos diz acima Guimarães Rosa, é preciso fazer da palavra o espelho da personalidade de quem a usa, não se ocultar procurando a melhor forma de colocar suas idéias. Esse é o imã que me atraiu para A educação a fim de ter a possibilidade de compartilhar diferentes pontos de vista e através deles construir com personalidade uma visão crítica sobre o mundo. Aprendi, desde cedo, que as diferenças entre as pessoas são uma dádiva, que faz o mundo mais colorido, e que precisam ser respeitadas. Ainda quando criança sonhava em libertar as pessoas de pensamentos preconceituosos. Nunca fui a favor da padronização de idéias e me irritava com soluções generalizadas, já que sempre busquei valorizar as diferenças nos impasses pelos quais passei e junto às pessoas com as quais convivi.

Desde pequena fui muito estimulada por minha família a ter contato com os livros, mesmo antes de aprender a ler. Como filha única de pais separados, descobri nos livros grandes amigos que me permitiam colocar a imaginação em alto patamar. Era uma criança calma e gostava mais de participar de atividades que estimulavam a mente ao invés do corpo. Minha madrinha, também Pedagoga, pessoa por quem tenho muita admiração, era dona de uma livraria de histórias infantis, os livros foram assim transferidos para uma biblioteca pessoal em sua casa, onde eu pude ter grande acesso.

Lembro-me bem do início da minha escolarização, na Escola Senador Correa, a escola particular no bairro onde sempre morei, Laranjeiras. Havia terminado a Educação Infantil e meus pais optaram por me colocar em uma escola que transmitisse os mesmos valores nos quais acreditavam. Uma frase que sempre escutei da minha mãe: - Eu crio você para o mundo

e não para te proteger embaixo de minhas asas! Meu pai também tinha uma ideologia parecida. Quando perguntavam a ele de quem eu era filha, ele dizia: “Ela é filha do mundo”. E minha mãe, “prazer, eu sou o mundo!” Um dia ouvi um pensamento que levarei para toda vida: “As pessoas são como um jardim de flores são diferentes umas das outras e por isso permitem que o mundo seja mais colorido.”

Estava ansiosa para conhecer a escola nova, a Senador Correa, amigos novos, e muita, mas muita vontade de aprender a ler para sair dali e devorar os livros que tinha em casa. Com poucos dias de aula, reparei como aquela escola era diferente, existia ali uma forte relação de carinho entre os professores, a direção, os pais e os alunos. Todos iam estudar por prazer, nunca por obrigação. Era uma escola de Educação Integral, ou seja, além de proporcionar aos alunos uma visão mais humana e globalizada sobre o mundo, ainda funcionava o dia inteiro, das 7:00 até as 23:00 hs.

É preciso dar ênfase ao meu período nessa escola, já que ela esteve diretamente ligada à minha escolha como profissional. Nos oito anos em que estudei nesta instituição, aprendi que a escola deve realmente se preocupar em ir muito além dos conteúdos científicos, deve priorizar a construção de valores que levaremos conosco para o resto da vida.

1.2 A escola fechou! E agora?

Essa escola que tanto me foi importante teve um triste fim. No ano de 1998, quando eu cursava a 7ª série, na volta das férias de julho fomos surpreendidos pela notícia que a associação que mantinha a escola estava falida. O novo dono tentou transferir os alunos para outra escola perto dali, que por sinal tinha abordagens pedagógicas opostas às valorizadas no meu colégio. Porém a tentativa não deu certo e os professores seguiram as aulas até o fim do ano, mesmo sem receber salários, como prova de humanidade, compromisso e amor com o trabalho que desempenhavam. Considerei esta atitude dos professores muito bonita e a adotei para minha vida como referência. Foi aí que comecei a me interessar por compreender melhor sobre as reviravoltas da Educação.

Saindo de lá tive que me mudar para uma escola religiosa tradicional, devido ao cortes de custos que estavam ocorrendo lá em casa. Tive um choque quando me deparei com maneiras tão diferentes de aprender, divergentes daquelas com que estava acostumada e que tanto me dava prazer, estava sempre ávida por novos conhecimentos! Esses anos coincidiram com o início da minha adolescência, que foi uma fase de contestação. Era assim que eu via as disciplinas nessa nova escola, mas para não perder tempo, aproveitava para aprender com essa forma diferente e esquisita de ensinar, que se não parecia estar preocupada em despertar nos alunos o desejo de aprender, dava preferência em saturá-los de exercícios de repetição.

Não consegui esperar para concluir o ensino médio nessa escola, já que minha passagem por lá não foi lá nada interessante. Nessa época, frustrada com o Ensino, só pensava em terminar logo a escola para estudar na faculdade algo que realmente me interessasse. Assim, pedi a minha família que me matriculasse em um supletivo, onde rapidamente poderia concluir a escola. O Ensino para Jovens e Adultos tem características próprias, conteúdos adaptados e um material didático especialmente voltado para esse público. Esse contato foi interessante para que eu vivenciasse outra forma de educação diferente do construtivismo que admirava e o tradicionalismo que recusava.

Fiz o pré vestibular comunitário da UFRJ, e tinha um ano para decidir qual seria a profissão que escolheria para a minha vida... Escolha difícil... Inscrevi-ME em dois cursos diferentes, Pedagogia e Serviço Social, já que sempre gostei de ajudar as pessoas e também me interessava pela Educação. Não tinha certeza da minha disposição para ser professora,

muitas vezes lembrava-me de como alguns alunos eram cruéis. Mas o destino me fez seguir para a Educação.

No ano de 2004 entrei para a UNIRIO, comecei a ter contato com as disciplinas que me traziam respostas ÀS dúvidas que eu havia guardado durante todo o período escolar. Nos primeiros períodos eu me apegava muito aos textos, procurando embasamentos teóricos para minhas questões. Mas com o passar do tempo, através de estágios e lembrando da minha própria trajetória como estudante ia percebendo como o bom senso é importante na hora de educar. Começava a me interessar especialmente pela área da Educação Infantil.

Fiz um estágio não remunerado por seis meses, em uma escola de Educação Infantil, no Jardim Botânico, onde convivi com a turma do Grupo 3. Lá, era desenvolvido um trabalho pedagógico voltado para as artes semelhante ao da “Escola da Ponte”¹, em Portugal, trabalho que admiro fielmente desde que comecei a estudar as tessituras e os desdobramentos da Educação.

Saí desta escola quando optei por estagiar no CEAT, em Santa Tereza, escola onde hoje trabalho. Desta vez pude observar o trabalho desenvolvido em alfabetização, processo muito semelhante Àquele pelo qual fui alfabetizada. Aliás esta escola em muito lembra aquela que eu tanto amei e me foi importante.

Passado um mês me convidaram para substituir uma professora - auxiliar que entraria de licença maternidade até o fim do ano. Aceitei e tive a primeira oportunidade de atuar como profissional na minha área.

Nota de rodapé:

¹-[A Escola da Ponte apresenta uma prática focada no aluno e em suas necessidades fazendo do espaço escolar um verdadeiro laboratório de novas experiências, onde a relação professor-aluno é repensada e trabalhada não de forma unilateral- eu professor detenho o saber- mas sim dentro de uma relação dialógica onde saberes são trocados e através da experiência concreta e do exercício da responsabilização os alunos tornam-se protagonistas e com isso sentem-se motivados a aprender e fazer novas descobertas. proposta pedagógica comprometida com o aluno e o desenvolvimento de sua criatividade, partindo do pressuposto que o aprendizado pode acontecer de forma prazerosa e o trabalho com projetos e pesquisas possibilita a troca constante e o crescimento do espírito investigativo. a escola da Ponte não apresenta a clássica divisão de salas de aulas seriadas e nem os espaços são organizados com as escolas tradicionais.Os espaços são amplos, as salas são multisseriadas e o que determina o trabalho pedagógico são os temas escolhidos que possibilitaram o agrupamento dos alunos de acordo com os interesses em determinados projetos.]- Resumo crítico da obra: : A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir- <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1179739-escola-que-sempre-sonhei-sem/>

Cada vez que explico aos alunos sobre algo, recordo-me do meu tempo de criança. Atuar como professora exige que se faça uma periódica avaliação sobre a forma de se utilizar a memória e a linguagem. Esta linguagem deve propiciar uma aula que seja realmente interessante aos alunos, capaz de permitir que eles desenvolvam seu poder de crítica e refletir sobre os assuntos apresentados. Cabe ao professor procurar se atualizar constantemente, reavaliar verdades pré-estabelecidas, ter um perfil questionador e estar sempre em busca de novos olhares com relação a uma nova forma de olhar o velho. Trabalhar com crianças traz à tona a concepção que tem os sobre elas, até onde se acredita que elas podem aprender e de serem capazes de compreender o mundo com ele é.

No ano seguinte, em 2008, a coordenadora do Ensino Fundamental, da mesma escola, me convidou para ser professora-auxiliar do 1º ano, onde ajudaria a desenvolver um trabalho de alfabetização.

Hoje, no ano de 2009 ainda trabalho com a turma de alfabetização e a cada dia que passa percebo um novo desafio. Aprendo muito com os alunos. É preciso sentir a particularidade da turma para então escolher o rumo do trabalho a ser desenvolvido, nunca ao contrário. Essa mediação feita pelo professor entre o aluno e o conhecimento deve ser feita partindo dos interesses dos alunos.

Como profissional da Educação procuro resgatar as características que conheci e passei a procurar nos professores: O respeito às individualidades, as diferenças, fortalece o propósito de potencializar suas qualidades e trabalhar seus defeitos. Desempenhamos este papel de professor para instigar a curiosidade da criança pelo conhecimento, para ajudá-la despertar o prazer por novas informações. Mas sobre este assunto conversaremos mais a frente deste trabalho, no tópico 2.2.

2.PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA

A proposta pedagógica da Escola Senador Correa era basicamente centrada nos ideais de Celestin Freinet um dos protagonistas do cenário educacional da primeira metade do século XX. Apresentarei ao longo desse texto, a proposta pedagógica de Célestin Freinet que está comprometida diretamente com a formação do indivíduo enquanto ser social e histórico. Através de seus ideais educacionais apresentarei o papel do professor no processo ensino aprendizagem e a concepção de criança e no que acreditamos que elas são capazes.

Célestin Freinet desenvolve sua Pedagogia em um cenário de profundas desigualdades sociais, surgidas como consequência da primeira guerra mundial (1914-1918) e Da segunda Guerra mundial (1939-1945), o que exigiu do autor uma luta firme que se estendeu durante toda sua prática pedagógica. Essa luta que foi marcada pela construção de uma pedagogia popular, com o intuito de acabar com todos os resquícios de uma educação que pudesse alienar e dar continuidade à exploração e à desigualdade social proporcionada pelo sistema capitalista. Por ter contestado o sistema socioeconômico e político da época, o autor sofreu várias repressões e perseguições.

A técnica pedagógica de Freinet é construída com base na *experimentação e documentação*, buscando uma prática educacional totalmente centrada na criança, atribuindo grande ênfase aos trabalhos (atividades) manuais tendo em vista a formação de crianças ativas, que serão responsáveis por uma futura transformação social. O autor defende ainda que é através das experiências que as crianças chegarão ao verdadeiro conhecimento. Para isso acontecer, as escolas deverão se adaptar ao meio social das crianças, serem totalmente ativas e dinâmicas permitindo assim que elas alcancem com sucesso, seu destino como indivíduo em seu meio social.

Nesse sentido, Freinet (1973) defende a idéia de que não é necessário sufocar as crianças com matérias para que elas consigam aprender. O papel da escola e dos professores é de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse.

Pensando na efetivação de uma escola ativa o método do autor visava satisfazer as necessidades das crianças e ao mesmo tempo educá-las, fortalecendo assim todos os elementos que venham a contribuir para a formação e o total desenvolvimento dos alunos.

Dessa forma, a técnica utilizada por Freinet tem o intuito de satisfazer as necessidades das crianças, e para isso, está apoiada em três princípios que dependerão *da base, do método e do meio* (Freinet, 1998). Assim, a base é o conhecimento integral da criança, tendo como objetivo satisfazer e educar as crianças para suas necessidades cabendo ao meio ser harmonioso, enquadrando-se no conjunto dos métodos.

Toda a técnica utilizada pelo autor gira em torno da questão do domínio das aquisições técnicas sobre os elementos culturais, com o intuito de possibilitar novas formas de trabalho e melhor adaptação ao meio dos alunos.

Assim, ao analisarmos o livro "Pedagogia do bom senso", notaremos que Freinet (1973) pretende fazer da escola um espaço agradável, pois acredita que a aprendizagem deva decorrer de um ambiente estimulador. Surge então a necessidade de se transformar a escola em um ambiente alegre, colorido e barulhento. O ambiente, as condições exteriores, assim como a preocupação em satisfazer as necessidades dos alunos, constituem a base da proposta pedagógica de Célestin Freinet.

Para Freinet, a atmosfera de uma turma depende, sobretudo, do gênero e da qualidade de todo trabalho que se faz nela. Se o professor não consegue bons resultados é porque não está utilizando as técnicas corretas.

Uma das técnicas infalíveis para o sucesso da proposta pedagógica de Célestin Freinet é o comportamento do professor diante dos alunos. O professor deve ter em mente que a criança é da mesma natureza do adulto. A criança assim como o adulto não gosta de disciplinas rígidas, ainda mais quando se trata de obedecer passivamente a uma ordem externa.

Em sua proposta pedagógica, Freinet aceita o fato de que o aluno é capaz de educar-se apenas com o auxílio do professor, não sendo necessário a interferência direta do professor no sentido de dar direcionamento à aprendizagem, o que deve conduzir a aprendizagem do aluno deve ser a vontade de descobrir algo mais sobre aquilo que despertou seu interesse.

Numa escola ativa, centrada nas crianças, o professor não deve se preocupar em transmitir conhecimentos, pois elas são capazes de se educar por meio do auxílio de um adulto. O centro da escola já não é o professor, mas a criança.

Nas obras do autor o conhecimento científico e clássico, o conteúdo que o professor deveria trazer em sua bagagem profissional, não são apresentados como responsáveis pelo máximo desenvolvimento intelectual do indivíduo, pois mesmo com inexperiência

pedagógica é possível formar indivíduos críticos que possam contribuir no processo de transformação social, (Freinet,1998).

Deste modo, a bagagem teórica se torna dispensável na proposta pedagógica de Célestin Freinet. O que importa é o professor saber amar, entender e satisfazer as necessidades das crianças. O professor deve respeitar e valorizar o conhecimento que a criança carrega; dessa forma ele estabelecerá um vínculo significativo com a criança e auxiliará para que esse conhecimento seja trabalhado.

A função educativa, de acordo com Freinet, tem a obrigação de respeitar o conhecimento oriundo do cotidiano das crianças, pois “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (Freinet, 1966, p. 296).

A escola deve ser soberanamente condicionada pela situação social, com isso o autor ressalta a importância da valorização do conhecimento do cotidiano no processo de aprendizagem, como afirma Célestin Freinet, no livro "Nascimento de uma pedagogia Popular" (1978) voltando as costas resolutamente a toda psicologia tradicional, artificial e espiritualista, apoiada nessas entidades imaginárias, as faculdades da alma, e orientou-se para a concepção de uma pedagogia de unidade e do dinamismo que ligasse a criança ao meio social.

Esta forma tão particular que Freinet possuía de conceber a educação, está completamente alinhada com a proposta pedagógica da Escola Senador Correa. Infelizmente não consegui encontrar o P.P.P da escola, documento este que deve ter se perdido no tempo.

Porém apesar de não possuímos tal documento contaremos com algo que vai além de todos os registros, a memória. Através do relato de ex-alunos e ex-professores poderemos compreender e relacionar a proposta pedagógica de Freinet com as atividades realizadas nesta escola.

Desta forma, ao decorrer do capítulo 4, esclareceremos de que forma a memória afetiva atua como facilitadora da educação.

2.1 Ambiente e comunidade escolar

“Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escalar para o esplendor do seu servir” (Freinet, 1998, p. 18). “

Ao analisarmos o livro "Pedagogia do bom senso", notamos que Freinet (1973) pretende fazer da escola um espaço agradável, pois acredita que a aprendizagem deve decorrer de um ambiente estimulador. Surge então a necessidade de se transformar a escola em um ambiente alegre, colorido e barulhento. O ambiente, as condições exteriores, assim como a preocupação em satisfazer as necessidades dos alunos, desempenham um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem, era a base da proposta de Freinet.

Freinet (1998) acredita que o interesse dos alunos estava mais voltado para o que ocorria fora do que dentro da escola. Dessa forma o autor utilizava como uma de suas técnicas pedagógicas a “*aula-passeio*” que tem o objetivo de buscar motivações extra escolares no processo de ensino-aprendizagem.

Durante essas “aulas-passeio” os alunos podiam se expressar livremente, utilizar o tatear experimental para realizarem descobertas, colocar em prática o seu senso de cooperação e refletir sobre suas atividades individuais e coletivas. Lembro-me de um exemplo marcante para citar aqui. Ao estudar sobre feudalismo fizemos uma aula - passeio a um castelo feudal em Petrópolis. Esta foi melhor forma de compreender como a população vivia naquela época, habitando o mesmo espaço deles e conhecendo suas cultura, já que a história era contada através dos espaços deste castelo.

Tal liberdade irá facilitar o processo de ascensão intelectual dos alunos, além de possibilitar que eles se tornem homens livres, autônomos, mais responsáveis e que tenham condições de contribuir na transformação da sociedade.

A técnica utilizada por Freinet tem o intuito de satisfazer as necessidades das crianças e para isso está alicerçada em três princípios que dependerão *da base, do método e do meio* (Freinet, 1998). Assim, a base é o conhecimento integral, tendo como objetivo satisfazer e educar as crianças para suas necessidades cabendo ao meio ser harmonioso, enquadrando-se no conjunto dos métodos.

Toda a técnica utilizada pelo autor gira em torno da questão do predomínio das aquisições técnicas sobre os elementos culturais, com o intuito de possibilitar novas formas de trabalho e melhor adaptação ao meio dos alunos.

Outro fator que influi diretamente no ambiente da escola é o envolvimento de toda a comunidade escolar, com o trabalho pedagógico. Na Escola Senador Correia podemos dizer que todas as causas eram abraçadas simultaneamente pelos alunos, pais e professores, o que influenciava diretamente no sucesso das atividades propostas.

Os pais dos alunos da escola formavam uma associação que tinha a adesão da maioria dos pais, que gostavam de opinar sobre a aprendizagem de seus filhos e se sentiam estimulados à colaborar com a escola. Muitas vezes eram os pais que propunham os temas a serem estudados pelos seus filhos. Colaboravam diretamente nos eventos da escola sugeriam temas transversais, eram convidados aos debates, eram convidados a falar para os alunos, propor mudanças.

Os pais também gozavam das relações afetivas que ocorriam dentro da escola. Eram grandes amigos dos professores. Estas relações se ampliavam também para fora da escola onde compartilhavam as mesmas festas, onde pais que eram músicos cantavam, tocavam enquanto as crianças brincavam e também evoluíam suas relações como sujeitos. Pode parecer estranho para quem ouve "crianças brincando em uma festa", mas tudo ocorria em harmonia. Algumas vezes a reunião dos pais ocorria no bar ao lado, conhecido como bar do Bigode, hoje extinto.

E.M, ex-professor relata sobre pais: " O convívio escolar incluía os pais no cotidiano da escola muitas vezes reeducando estes pais que vinham de relações infelizes ou difíceis em sua vivência escolar. O acolhimento e a configuração de uma relação diferente, mais humanista, de valorização e afirmação das crianças e jovens e politicamente crítica e progressista fazia com que muitos vivessem uma segunda escolaridade estabelecendo diferentes formas de participação na comunidade escolar." Não havia uma escola com indivíduos perfeitos, quando necessário eles eram trabalhados e reviam opiniões que estavam anteriormente cristalizadas.

J.C quando perguntada sobre a forma na qual a escola pode ter favorecido a construção do sentimento de união entre a comunidade escolar "Eu acho que é um desses encontros que para acontecer depende de tantas pequenas coisas, que acontecem no momento certo, desde os astros e os deuses estarem favoráveis desde fatos incomuns como o bar do Bigode, em frente a escola onde pais e professores discutiam a escola de forma descontraída,

enquanto ao alunos estudavam nas várias oficinas que o Espaço Cultural oferecia (escolinha de futebol com o André, musicalização com a Lii...) até o amor e o respeito que havia dentre professores e alunos.”

Como esclarecimento podemos trazer a resposta de W.Q, ex- professor de história e coordenador do ensino médio, a mesma pergunta na qual ele atribui a parceria e colaboração da escola com o seu entorno querendo trazer o mundo para dentro de suas portas. “A Escola como seguidora de Freinet sempre manteve as portas abertas, não só as famílias mas também a comunidade no entorno, ONGs, associações sempre utilizaram o espaço, na maioria das vezes gratuitamente, para seus eventos e quase sempre estes se tornavam parceiros orgânicos da Escola, confundindo projetos. Daí o hábito da troca e da confraternização de pais e amigos dentro do espaço escolar em ritmo de colaboração.”

O espaço cultural que ocorria à noite na escola, eram atividades como Coral, escolinha de futebol, aulas de teatro, lutas marciais, capoeira, musicalização inclusive alfabetização para adultos. Este espaço deixava saudades quando entrávamos de férias, pois era como se fosse a continuação do dia para quem ficava na escola. Mesmo alunos que não estavam inscritos em nenhuma atividade ficavam na escola, para conversar e encontrar os amigos. Este prolongamento das horas diárias que passávamos dentro da escola contribuía para aumentar o afeto que tínhamos por ela.

A ex- aluna R.B nos conta “ Ir para escola era um momento mágico, acordar cedo não era um problema, o problema mesmo era a hora de ir embora, sempre queria dormir na casa de alguma amiga, ou levá-la pra minha casa... Acho que por isso os pais se tornavam amigos, pois sempre pedíamos pra ficar só mais uma pouquinho, deixando eles esperando.”

A escola se preocupava em fornecer condições para politizar os alunos buscando com isso torná-los críticos. Diversas palestras aconteciam para discutir temas sobre drogas, doenças sexualmente transmissíveis. Terminado estes encontros abríamos uma mesa para discussão do tema. Estas palestras eram assistidas por todo o Ensino fundamental e Médio, além de pais que se interessassem. Essa problematização da vida social ocorria também nas salas de aula com as atividades propostas pelos professores. Veja este exemplo relatado por J.M, ex-aluna da escola: “Saímos da escola com uma consciência formada sobre nós mesmos, fazendo com que tornássemos confiantes sobre nossas opiniões futuramente. Uma vez na sala fizemos como um tribunal, que metade da turma acusava e a outra defendia. Isso foi bom para que pudéssemos enxergar os dois lados das situações”.

Além destas simulações de tribunais éramos incentivados a expor nossas opiniões através de assembléias diárias que discutiam problemas trazidos pelas crianças, em relação à própria turma e a escola. Nessas assembléias cada um tinha um tempo estipulado para falar, havia direito a réplica caso um amigo tivesse citado seu nome. Destas reuniões eram tirados combinados a serem traçados, e percebíamos que as nossas idéias eram levadas em consideração e tinham grande importância. A escola não tinha receio de perguntar para os alunos o que eles pensavam e abrir espaço para participação em suas decisões. Aos poucos, implicitamente estávamos compreendendo que era democracia.

Problemas sociais como a AIDS eram discutidos pela comunidade inteira. Não havia pudores em esconder os fatos das crianças ou preocupação em selecionar o que era adequado para idade dela, se havia estávamos passando por uma questão social e precisava ser discutida para o maior esclarecimento de todos. Como nos contou J.C ex-professora: ``Lembro de uma vez que o tio de um aluno, um homossexual assumido (o tio), e que havia perdido seu companheiro vítima de AIDS, foi na escola falar sobre o assunto. Teve outra palestra, também, com egressos de uma penitenciária, que deixou os alunos em polvorosa. Lembro vagamente desses eventos, pois eu estava sempre lá na frente, coordenando o Espaço Cultural, á noite.

Os passeios realizados pela escola, muitas vezes eram viagens, marcaram momentos de prazer compartilhados juntamente por professores e alunos, ampliando assim as relações afetivas para além dos muros da escola. Sobre um destes passeios traremos o relato de R.B ex-aluna: ``Uma viagem para Itaipava, acho que foi a primeira viagem com a escola, que dormi fora da minha cidade e sem minha família. Foi uma viagem muito marcante.`` Também estive presente nesta viagem e aproveito para lembrar que estávamos no ano que correspondia a 3ª série, tínhamos apenas 8 anos de idade. Infelizmente não conheci outra escola que fizesse passeios com pernoite para crianças, apenas com adolescentes.

Os eventos como feira de ciências e feiras de temas trans versais, como foi o caso de quando a Escola fez 120 anos de existência, como nos conta C.M, ex-professora de música da escola `` Fizemos uma comemoração super interessante que foi revisitar as décadas nestes 120 anos. Cada turma se encarregou de uma década e assim pudemos revisitar a História do Brasil desde o finalzinho do século passado até o tempo atual. A História foi dramatizada, cantada em verso e prosa, e com todos os componentes que poderiam complementar a narrativa. Inclusive a própria edificação da Escola, já era digna de muitas histórias, considerando que a

princesa Isabel montou ali a 1ª Escola Normal do Império, vindo a lecionar Corte e Costura (reza a lenda)''.

Na organização dos eventos a escola tinha a preocupação de não separar por segmentos e ocorriam todos no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo lugar, com a finalidade de que todos pudessem acompanhar o que as outras turmas estavam estudando, e o mais interessante, a maneira com abordavam tal tema. Acreditava-mos com isso que não havia saber específicos para cada idade, o conhecimento deve ser compartilhado por todos. Este era o caso da festa junina, dos sarais musicais e teatrais, eventos aguardados ansiosamente por toda a comunidade escolar, e preparados em conjunto pela escola inteira.

Para concluir, traremos um ponto de vista de Freinet (1998) que defende ainda que é através das experiências que as crianças chegarão ao verdadeiro conhecimento. Para isso acontecer, as escolas deverão se adaptar ao meio social das crianças, serem totalmente ativas e dinâmicas permitindo assim que elas alcancem com sucesso, seu destino como indivíduo em seu meio social.

2.2 Postura do docente e avaliação da aprendizagem

“Avaliar é questionar, é investigar, é ler as hipóteses do educando, é refletir sobre a ação pedagógica para replanejá-la.”

Madalena Freire (1983)

Nos tempos atuais, fala-se muito da atuação do professor em sala de aula. Muitos profissionais, mesmo sabendo que a sua forma de trabalho e postura em sala de aula podem acarretar conseqüências positivas ou negativas sobre seus alunos, ainda assim, se impõem sobre esses alunos de forma autoritária. Quando o professor assume esta postura, vê-se desfazer no aluno toda a capacidade de criação, de interação, de construção do próprio conhecimento, de levantar e comprovar hipóteses, bem como toda sua autonomia em relação aos desafios propostos. O aluno torna-se um expectador e assiste às aulas, ministradas pelo mestre supremo, como se fosse um filme, no qual o roteiro já está escrito e não pode ser mudado.

Segundo Perrenoud (1999) ao longo da interação professor/aluno, cabe ao primeiro mediar e ajudar o aluno na tarefa de aprender possibilitando-lhe pensar com autonomia. Para aprender, o aluno precisa ter ao seu lado alguém que o perceba nos diferentes momentos da situação de aprendizagem e que lhe ajude a evoluir durante o processo de ensino e aprendizagem, de forma a alcançar níveis os mais elevados possíveis de conhecimento.

Um docente comprometido com o seu trabalho visa despertar no aluno, a possibilidade de trabalhar pela democratização em todos os setores da sociedade. Assim, a educação denominada crítica, busca a luta pela transformação da sociedade, numa perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos políticos, sociais e econômicos, como nos conta Perrenoud (1999).

Na entrevista a ex- professora de música C.M relata sobre as práticas dos professores da Escola Senador Correa: “ O mais importante para mim foi ver o compromisso que tanto educadores quanto pais tinham com a Educação, a transmissão do saber de forma inteligente. Não àquelas aulas de cuspe e giz. Não há nada que não possa ser revisto, revisitado e contado de outro jeito. O conteúdo pedagógico da Escola, sempre atendeu à demanda de seus alunos e não o contrário. Esta forma de trabalhar em Equipe, fazia um caldeirão com um bom caldo em que todos os palpites, viagens, serviam de tempero para ilustrar uma boa aula.” Percebemos é

possível a proposta de uma educação alternativa como esta, pautada na liberdade de expressão, tanto dos alunos, quanto dos professores.

De acordo com as idéias de Paulo Freire (1997) em “Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa” cabe ao docente propiciar através de sua prática uma transformação os seguintes saberes:

- 1) O respeito pelos saberes do educando e o reconhecimento da identidade cultural,
- 2) a rejeição de toda e qualquer forma de discriminação,
- 3) a reflexão crítica da prática pedagógica,
- 4) a corporeificação,
- 5) o saber dialogar e escutar,
- 6) o querer bem aos educandos,
- 7) o ter alegria e esperança,
- 8) o ter liberdade e autoridade
- 9) o ter curiosidade
- 10) o ter a consciência do inacabado

De acordo com Freire (1997): “O ensino exige do docente comprometimento existencial, do qual nasce autêntica solidariedade entre educador e educando, pois ninguém se pode contentar com uma maneira neutra de estar no mundo. Ensinar, por essência, é uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição, uma decisão por vezes até uma ruptura com o passado e com o presente.” Precisamos abrir o nosso olhar para novos horizontes.

No entanto, a formação de professores adequada às necessidades atuais, se faz necessária a todo o processo educativo. Os alunos estão inseridos em uma sociedade multicultural com uma diversidade de famílias, culturas, raças, línguas e níveis sócio-econômicos. Precisamos pensar em um sistema educativo eficiente e respeitador que os prepare eficazmente para as realidades sociais do século XXI.

Ainda em Freire (1997) “A escola deve ser soberanamente condicionada pela situação social.” Com isso o autor ressalta a importância da valorização do conhecimento do cotidiano no processo de aprendizagem. É necessário levar em conta os saberes trazidos de casa pelos alunos, permitir que eles expressem suas opiniões e contribuam com sua visão cultural do mundo, respeitando assim as diferentes subjetividades em sala de aula.

As atividades na Escola Senador Correia eram realizadas por técnicas de ensino alternativas aos normalmente adotadas por outras escolas. Lembro-me bem do dia que aprendi sobre o que é poesia, no ano de 1992. A professora levou a turma para debaixo de uma centenária caramboleira que havia na escola, contou-nos sobre a sua história e propôs que nós

escrevêssemos algo para ela. Neste dia além de entender sobre poesia aprendi a dialogar com a natureza! Este tipo de atividade estimula a liberdade de expressão e desperta a sensibilidade, fatores que realmente estavam presentes nesta escola.

No ano anterior, 1990, quando fui alfabetizada, havia uma proposta de desenho que na época me intrigava: a professora dava um rabisco qualquer, sem forma, em uma folha de papel e depois nós tínhamos que criar um desenho, alguma figura real. Dessa forma estimulava-se a criatividade, propiciando a busca por solução de situações-problema, ajudando o aluno a criar autonomia, algo importante para crianças desta faixa etária. Utilizo esta técnica hoje com os meus alunos. Eles o chamam de desenho maluco. Como minha turma deste ano adora desenhar estou aprofundando em criar novas interferências. Já fiz o "desenho que roda" (sentados em uma roda, cada criança recebe uma folha e colocam seus nomes atrás, o professor estipula um tempo, eu faço 30 segundos, e quando este acabar ele repete: Trocôo! Assim as folhas giram e vão passando de aluno para aluno que devem tentar completar a idéia do desenho que recebeu. Como trabalho com a turma de alfabetização após ao termino do desenho pedi para que as crianças escrevessem uma história sobre o desenho, elas participaram da atividade com envolvimento.

Pensaremos agora sobre o ato de avaliar que é um fato freqüente nas atividades humanas; está presente de maneira espontânea, ou expressando os parâmetros de alguma instituição. Esse ato está incorporado ao sistema educativo mundial, para ser mais preciso, ao sistema escolar mundial, pois faz parte do contexto dos administradores das escolas, professores, alunos e famílias.

Para abordar o tema avaliação da aprendizagem trazemos Perrenoud (1999) que percebeu a avaliação como um meio para se estabelecer comparações entre os resultados e os objetivos educacionais. Desse modo, a avaliação passa a ser vista como uma atividade prática. Traz também a idéia de duas dimensões da avaliação: a avaliação formativa (a que ocorria na Escola Senador Correia) e a avaliação somativa (comum em escolas tradicionais), percebendo a avaliação como um instrumento de orientação para as práticas docentes. Segundo Perrenoud a observação é uma situação inerente à avaliação formativa pois, por meio dela, cumpre-se a função da avaliação formativa, que é a de compreender o contexto da aprendizagem, analisando suas modalidades, mecanismos e resultados. Da observação, passa-se à intervenção, ajudando o aluno a progredir, na construção de seus conhecimentos.

A avaliação formativa considera que o aluno aprende ao longo do processo, que vai reestruturando o seu conhecimento por meio das atividades que executa. Do ponto de vista

cognitivo, a avaliação formativa centra-se em compreender o funcionamento da construção do conhecimento. A informação procurada na avaliação se refere às representações mentais do aluno e às estratégias utilizadas para chegar a um determinado resultado. Os erros são objetos de estudo, pois revelam a natureza das representações ou estratégias elaboradas pelo estudante.

Na Escola Senador Correa a avaliação da aprendizagem ocorria de formas diferenciadas. Apresentávamos para a turma trabalhos em grupos, que adorávamos participar. Muitos exigiam que fissionos maquetes ou que pensássemos uma forma interessante de apresentá-lo. Lembro que o item criatividade na apresentação contava muitos pontos... Trabalhos de grupo é de umas das técnicas de Freinet que proporcionam a circulação de idéias, o que torna a aprendizagem significativa. Havia liberdade de sugestão nas listagem dos temas a serem estudados.

Outra técnica de Freinet que era normalmente usada na escola foi auto-avaliação individual e do grupo. Na individual o aluno refletia sobre sua aprendizagem no semestre e se atribuía um conceito, pensando se produziu o quanto poderia. Na auto-avaliação coletiva os alunos destacavam os pontos que consideraram mais interessantes de serem estudados pela turma, além de sugerirem novos temas, o que dava uma boa base para o professor encontrar o rumo na hora de criar o seu planejamento. Atribuíamos também, neste momento, um conceito para o professor justificando tal escolha, permitindo assim que ele reavaliasse sua própria prática.

Na escola eram utilizados boletins semestrais e as notas não eram formadas por números, mas por conceitos. Esta forma de avaliar diminuía a competição entre os alunos, por míseros pontinhos, que na verdade nunca poderiam explicitar o tamanho do envolvimento dos alunos com as atividades.

Nessa perspectiva da avaliação formativa, a avaliação trabalha com um contexto, no qual os conhecimentos estão em construção e são estes que devem conduzir à ação educativa. O conhecimento existe em uma dimensão coletiva e a riqueza da heterogeneidade existente no grupo é que impulsiona a condução dos processos. É preciso avaliar cada aluno individualmente levar em conta as diferenças entres os indivíduos. Ao atribuir uma nota para aprendizagem do aluno é preciso compará-lo com ele mesmo e não com o restante da turma. Para isso devemos analisar o quanto ele evoluiu diante das suas possibilidades, repetindo-as.

Segundo Fernandes (2005) o papel do professor, nesse tipo de avaliação, É o de contribuir para o desenvolvimento de diversas competências dos alunos, das suas

competências de auto-avaliação e também de autocontrole. Uma avaliação que traz essas características contribui para que o aluno construa suas aprendizagens e o para que sistema educacional consiga melhorar as aprendizagens dos alunos. Ela trabalha sob a ótica das aprendizagens significativas.

Uma necessidade do contexto educacional é fazer com que nossa prática educativa seja desenvolvida de maneira coerente e que esteja comprometida com a promoção da transformação social e a formação de cidadãos conscientes. Para alcançarmos esse objetivo, a avaliação não pode ser um ato mecânico no qual o professor dá atividades e o aluno as realiza, sendo-lhe dado um conceito para transmitir a medição do conhecimento. A avaliação tem que ser um ato, no qual a reflexão seja inerente, contribuindo para a construção de competências técnicas e sócio-político-culturais, de acordo com Fernandes (2005).

Para Luckesi (2002), o processo avaliativo está relacionado ao contexto mundial educacional da época: "(...) não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e, conseqüentemente de educação, que possa ser traduzido em prática pedagógica". Assim, avaliação, para estar a serviço da qualidade educacional deve, entre outros, cumprir o seu papel de promoção do ensino, o qual irá guiar os passos do educador. Ela precisa possuir o caráter de contribuição para a formação do aluno e não apenas classificar e medir aprendizagens.

Concluindo, a avaliação deve permitir ao aluno firmar suas aquisições. Ela deve ajudar o aluno a avançar e estimulá-lo, além de oferecer os meios para que o aluno supere suas eventuais dificuldades. O objetivo principal de um projeto pedagógico é o de proporcionar aprendizagens, portanto, a avaliação escolar deve existir a serviço da construção de aprendizagens.

3. ESCOLA: QUAL O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DO INDIVÍDUO?

O período escolar é um marco na vida de todas as pessoas. Assim como a família, a escola é o primeiro grupo social onde compreendemos sobre o campo das relações e abrimos espaço para evoluirmos como sujeitos. Ali nós entramos em contato com o outro, aprendemos a compartilhar, a ceder, perdoar, lutar, amar. É através da observação ao outro que passamos entender muito sobre nós mesmos.

Para pensarmos sobre a função que a escola desempenha na vida de um indivíduo é necessário que antes fique claro de qual escola estamos falando. Quem são estes professores? O que eles buscam com sua forma de ensinar? O que acreditam que as crianças são capazes de vivenciar? Existem divergências sobre este tema entre os profissionais da área da educação. Discutiremos alguns destes pontos neste capítulo.

Os professores discordam quando se fala sobre objetivo do seu trabalho. Alguns pensam que a escola tem apenas a função de ensinar conteúdos, e preparar o aluno para passar no vestibular para que posteriormente ele conquiste uma boa colocação no mercado de trabalho. Estes profissionais tradicionais também atribuem que a formação de valores e a educação formal devem ser de responsabilidade da família.

Outros professores entendem a escola com um espaço para problematizar o conhecimento que não podem ser simplesmente transferidos, mas sim compartilhados. Através da experiência que a escola oportuniza, procura fornecer aos alunos meios de transformar a realidade social a sua volta mediante "conscientização" (conhecimento crítico do mundo). Esta aprendizagem deve ser mediada pelo educador que, por sua vez, deve ser crítico também. Nesta perspectiva integral do ensino, os profissionais acreditam que o ato de educar não pode ser desvinculado da formação pessoal do indivíduo, e procuram propor atividades que os auxiliem a construir tais valores.

Hoje muitas escolas, além de serem importantes na vida de seus alunos, também possuem um papel importante na vida da comunidade, pois elas desenvolvem projetos que abrangem toda a sociedade, dando oportunidade a todos ajudando a promover a identidade cultural local. Além disso, ela desperta cada vez mais o interesse dos estudantes a aprender muito mais do que português e matemática, mas problematizam questões ligadas à cidadania e à ética, que são os valores importantes para o ser humano.

Aí está o foco, ao meu ver, de qualquer proposta educacional: despertar o desejo do aluno para o conhecimento. A escola é um dos lugares socialmente instituídos para a criança se inserir na cultura urbana, para que se relacione com o outro e com o conhecimento. É parte de uma dinâmica onde o sujeito organiza e interpreta suas relações com o mundo interno e externo.

Através das respostas das entrevistas dos ex-alunos da Escola Senador Correia podemos notar que no decorrer de suas vidas ocorreu o fortalecimento dos valores semeados nesta escola como o respeito ao outro e a si próprio. Na fala deles encontramos em comum depoimentos que deixam clara a satisfação destes alunos em terem vivido esta experiência escolar.

Tendo por base estas respostas paramos para refletir acerca da “bagagem” que levamos da escola para toda a nossa vida. Podemos assim relacionar a importância dos valores construídos na escola como as memórias afetivas, que levam a uma aprendizagem significativa, com os conhecimentos científicos. Entendemos então que uma escola que se preocupa com a formação integral do aluno também deve aprender a dosar tais atribuições.

Retomaremos o relato de C.M, ex-professora da Escola Senador Correa: “É muito fácil falar do Senador e ao mesmo tempo difícil, porque nos reportamos a uma época de nossas vidas que tenho certeza, ficará para sempre no lugar das boas lembranças, apesar de nem sempre a convivência ser só prazer”. Apesar de os conflitos acontecerem continuamente em nossas vidas, nossa sociedade parece vê-los sempre de forma negativa e/ou destrutiva. Em suma, o conflito é visto como algo desnecessário, que viola as normas sociais e que, portanto, deve ser evitado. As escolas que desprezam os conflitos os tratam de forma destrutiva e aquelas que os valorizam os tratam de forma construtiva. Assim, os conflitos quando tratados construtivamente podem trazer resultados positivos, melhorando o desempenho, o raciocínio e a resolução de problemas. Nesta perspectiva, consideramos, por um lado, que os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecerem e a compreenderem melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia a dia. Se faz necessário, de desenvolver uma postura analítica perante estes sentimentos e valores

Ao longo deste capítulo 5 conversaremos sobre duas diferentes concepções sobre o papel da escola, o tradicional e o construtivista. Procuraremos avaliar os prós e contras destas dicotômicas relações de ensino aprendizagem. Para retratar estas duas formas de conceber a educação, teremos como exemplo a vivência da autora desta monografia enquanto aluna em duas escolas com propostas pedagógicas opostas.

3.1 A padronização no ensino e conseqüentemente dos indivíduos

A linha tradicional de ensino, segundo Marina Rossini (2006) teve a sua origem no século XVIII, a partir do Iluminismo. O objetivo principal era universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento. Esta perspectiva pedagógica possui um modelo firmado e certa resistência em aceitar inovações, e por isso foi considerada ultrapassada nas décadas de 60 e 70, apesar de seus princípios ainda serem utilizados em diversas escolas por muitos professores.

A educação tradicional ou bancária, tem a aprendizagem centrada no professor. Não há lugar para o aluno atuar, agir ou reagir de forma individual. Não existem atividades práticas que permitam aos alunos questionar, criar e construir. Geralmente, as aulas são expositivas, com muita teoria e exercícios sistematizados para a memorização.

O professor é o guia do processo educativo tem como função transmitir conhecimento e informações, mantendo certa distância dos alunos, que são “elementos passivos”, em sala de aula. As escolas que adotam a linha tradicional acreditam que a formação de um aluno crítico e criativo depende justamente da bagagem de informação adquirida e do domínio dos conhecimentos consolidados.

Esta forma de educar não leva em conta as diferenças entre os alunos, nem respeita o tempo de cada um. Os alunos são comparados uns com os outros buscando-se uma padronização na forma de pensar, de agir e de aprender. As avaliações são periódicas, por meio de provas, e medem a quantidade de informação que o aluno conseguiu absorver. São escolas que preparam seus alunos para o vestibular desde o início do currículo escolar e enfatizam que não há como formar um aluno questionador sem uma base sólida, rígida e normativa de informação.

Segundo Freire (1987), “ *O educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica*” (p.63). *A autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem de ser respeitada, caso contrário o ensino tornar-se-á “inautêntico, palavreado vazio e inoperante”* (p.69). Isto só é possível tendo em conta os conhecimentos adquiridos de experiência feitos pelas crianças e adultos antes de chegarem à escola.

Esta forma de educar segue a linha conservadora necessária ao sistema capitalista, em que nos encontramos. O quadro de valores dissipados na sociedade, por diversas instituições

incluindo a escola, são aqueles que legitimam o interesse do grupo dominante que estão no poder. Para estes é mais simples que a população seja padronizada sem indivíduos que questionem suas ordens, pois assim será mais fácil manipulá-la.

Atualmente ouvimos com frequência um discurso que está em alta entre os políticos: a defesa a importância da educação para o desenvolvimento de um país como o Brasil. Algumas propostas são aprovadas no senado, porém leis substanciais como a LDB demoram a ser sancionadas, retardando o início de verdadeiras transformações. Por este motivo, segundo Mézaros (2004) não basta apenas realizar mudanças educacionais superficiais, de ordem reguladora social, é preciso que estas mudanças realmente atendam a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida. As mudanças essenciais agem em prol da transformação social e necessitam de um sujeito crítico que questione os valores morais disseminados pelo governo, para realizá-las. Em minha opinião, este deve ser o resultado de uma educação emancipadora.

Retomaremos um pouco da história da autora da Monografia como aluna para ilustrar a experiência em uma escola particular da zona sul do Rio de Janeiro com ensino tradicional e religioso

Assim que a escola Senador Correa fechou suas portas no ano de 1998, fui inscrita para estudar nesta escola de que vou lhes contar. Meus pais estavam passando por dificuldades financeiras e não puderam colocar-me em outra escola construtivista, como aconteceu com grande parte dos alunos que de lá saíram.

Não demorou muito tempo para eu perceber que aquela forma pela qual eu havia sido educada na escola Senador Correia entrava em choque com a que eu agora estava destinada a conhecer. Até entender bem o que acontecia comigo passei alguns recreios trancada no banheiro, até perceber o que estava me fazendo mal: era a indignação com a educação.

As aulas nesta escola eram todas dentro das salas de aula e raramente ocorriam passeios ou atividades que permitissem a interação entre os alunos e a cidade de forma livre e criativa. Nessa escola tradicional os professores se preocupavam se os alunos estavam com uma boa média, ao invés de procurar saber se eles estavam desejosos em aprender.

Na verdade um fato estava ligado ao outro, por que os alunos se empenhavam em conquistar os pontos que faltavam para atingir a média e passar de ano e mesmo reclamando, tinham que se submeter a diversos exercícios de repetição, único meio conhecido pelos alunos e divulgado pelos professores na escola.

Sentia falta das propostas ligadas às áreas culturais, como artes, teatro, música, expressão corporal e folclore, pontos fortes na minha antiga escola construtivista. Percebi que não existia uma preocupação com a formação de vínculos afetivos nem espaço para se conversar com a coordenação sobre conflitos pessoais. As relações, principalmente com os adultos, eram duras e impessoais.

Para superar estes momentos procurei resgatar antigos valores que a Senador Correia me ajudou a construir como a tolerância e utilizá-los em minhas novas relações. Entendi que precisava estar receptiva, mesmo em um ambiente desconhecido e estranho. Assim, consegui me relacionar melhor com as pessoas a minha volta e fazer fortes laços de amizade, que me acompanham até hoje em minha vida.

Entretanto, em relação aos conteúdos especificamente, não consegui suportar muito tempo, dois anos depois convenci meus pais a me tirarem da escola me colocar em um supletivo. Tinha urgência em entrar logo para uma faculdade e voltar a estudar assuntos que me interessassem. A Pedagogia me esperava e esse encontro já se fazia tardio.

Essa experiência teve em minha opinião o seu lado positivo que foi criar um parâmetro entre as duas formas de educar, além de auxiliar hoje em minha prática profissional: sei o que é interessante aos alunos e o que não devo fazer para que a educação se torne desestimuladora.

3.2 Educar para a vida

A prática pedagógica construtivista propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. A partir de sua ação, vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo. Em uma Educação pautada na liberdade de expressão de idéias onde há interação entre ambos, educador e educando acabam aprendendo e ensinando simultaneamente. Segundo Piaget (1967) noções como proporção, quantidade, causalidade, volume e outras, surgem da própria interação da criança com o meio em que vive. Não sendo formados esquemas que lhe permitem agir sobre a realidade de um modo muito mais complexo do que podia fazer com seus reflexos iniciais e sua conduta vai enriquecendo-se constantemente. Assim, o aluno constrói um mundo onde começa a ser capaz de fazer antecipações sobre o que irá acontecer.

O método construtivista piagetiano enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. A teoria condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno. As disciplinas estão voltadas para a reflexão e auto-avaliação, portanto a escola não é considerada rígida.

Existem várias escolas utilizando este método. Mais do que uma linha pedagógica, o construtivismo é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida.

Freire (1996) insiste na "especificidade humana" do ensino enquanto competência profissional e generosidade pessoal, sem autoritarismos e arrogância. *“Só assim, diz ele, nascerá um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre “a autoridade docente e a liberdade dos alunos (...) reinventando o ser humano na aprendizagem de sua autonomia”. Conseqüentemente, não se poderá separar “prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender”*

A concepção construtivista piagetiana influi diretamente na construção da ruptura com a lógica do capital, uma instituição de ensino com ideais libertadores teria como função transformar o aluno em um agente político, consciente que age e usa a palavra como instrumento para modificar a realidade. É parte do trabalho da escola contribuir para significar ou re-significar o sujeito no seu desejo de conhecer, que precisa ser prazeroso.

Podemos observar as experiências de alunos que foram educados dentro desta perspectiva pedagógica ao longo do capítulo 2 e ao lermos as memórias dos ex- alunos da Escola Senador Correia (anexo).

Finalizaremos este capítulo com um pensamento de Paulo Freire (1996) na obra “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários; a prática educativa”. Paulo Freire foi um educador que teve grande contribuição para polemizar o papel da educação. *“O objetivo da escola é ensinar o aluno a ler o mundo e poder transformá-lo”*.

4. MEMÓRIA AFETIVA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

"Ame-os! Espalhe a sua bondade a sua volta e sentirá poderosamente a sua ação" (Freinet, 1998, p.276).

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Neste capítulo procuraremos discorrer sobre a questão da memória afetiva e relacioná-la com a forma como o conhecimento é internalizado pelos indivíduos. Como dizia Carlos Drummond de Andrade, apenas as coisas fíndas ficarão, já as tangíveis se tornam insensíveis a palma da mão. Podemos fazer um paralelo deste pensamento com a educação: Apenas os conhecimentos que perpassarem pelo afeto, daquele de quem o estuda, serão guardados, registrados, internalizados em sua memória e levados para toda a vida.

A questão do afeto era muito importante para aqueles que estudaram na Escola Senador Correa. Lá toda aprendizagem passava pelo plano subjetivo dos alunos, as atividades procuravam proporcionar um autoconhecimento. Conseqüentemente eram potencializadas as qualidades dos alunos e abria-se possibilidades para trabalhar os seus defeitos.

Ao ler as respostas das entrevistas dos ex-alunos e ex-professores podemos perceber que todos descrevem a escola com um olhar muito afetivo, uma agradável lembrança. Percebemos que esta escola deixou marcas profundas nas pessoas, e que estas são agradecidas à instituição pelo que suas proposições pedagógicas ajudaram a construir. Para refletirmos sobre este assunto serão trazidos alguns autores que se dedicaram a estudar sobre o papel da afetividade na construção de *conhecimentos cognitivo-afetivos*. Pensar e sentir são ações indissociáveis, a memória é o verdadeiro impulso criador! Esta é a idéia que tentaremos defender, tendo como preocupação central pensá-la no campo educacional.

Vários foram os pensadores e filósofos que, desde a Grécia Antiga, criaram uma suposta dicotomia entre razão e emoção. Quando Platão definiu como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento, considerado, por ele, um valor universal, (Silva, 2002), e quando Descartes criou a tão conhecida e famosa afirmação na história da filosofia - "Penso, logo existo"-, sugeriam a possibilidade de separação entre razão e emoção ou, o que seria mais adequado, assumiram implicitamente uma hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, em que o pensamento tem valor de excelência.

Preocupado em articular as emoções com os processos cognitivos - "emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento" -, Damásio (2000) rompe também com a idéia de uma mente separada do corpo. Como ele mesmo apontou, talvez a famosa frase filosófica - *Penso, logo existo*- devesse ser substituída por outra - *Existo e sinto, logo penso*.

Nessa mesma direção, Immanuel Kant (1786), nos advertiu sobre a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade, quando afirmou que "quanto mais uma razão cultivada se

consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento". Afirmou também que se Deus tivesse feito o homem para ser feliz não o teria dotado de razão. Esse filósofo considerava, ainda, as paixões como "enfermidades da alma". Tais reflexões denotam, também, como Kant estabelecia uma hierarquia entre a razão e as emoções.

Se pararmos para perceber, essas premissas da filosofia permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes traduzidas sob ditos populares que ouvimos freqüentemente na vida cotidiana: "não aja com o coração", "coloque a cabeça para funcionar", "seja mais racional". Nessa perspectiva, parece-nos que para uma pessoa tomar decisões corretas é necessário que ela se livre ou deixe de lado os próprios sentimentos e emoções. Fica a impressão de que, para se chegar a uma solução sensata, deve-se desprezar, controlar ou anular a dimensão afetiva.

No campo educacional, aparece uma razão que nos leva a pensar a divisão histórica e culturalmente estabelecida entre os "saberes racionais" e os "saberes emocionais". Se os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade não constituem universos opostos, não há nada que justifique prosseguirmos com a idéia de que existem saberes essencialmente ou vinculados à racionalidade ou à sensibilidade.

Dessa maneira, a indissociação entre pensar e sentir nos obriga a incluir nas explicações sobre o raciocínio humano o lado racional e emotivo dos conceitos e fatos construídos na escola. No cotidiano escolar não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os alunos e as alunas não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam "latentes" seus sentimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam.

Entendemos então que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas precisam da presença de aspectos afetivos.

Um autor que questionou as teorias que tratavam a afetividade e a cognição separadamente foi o biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), suas idéias foram abraçadas pela comunidade escolar da Senador Correa. O autor nos advertiu sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele declarou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade.

De acordo com Piaget (1954), não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget (1954) é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura”. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade.

Na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget (1954), “é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar”. Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo que são objeto de conhecimento, são também de afeto.

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores. Ele considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês, reconhecendo na vida orgânica as raízes da emoção, nos trouxe, também, contribuições significativas acerca deste tema. Interessado em compreender o psiquismo humano, Wallon se empenhou em

entender a dimensão afetiva, criticando as teorias clássicas contrárias entre si, que concebem as emoções ou como reações incoerentes e tumultuadas, na qual o efeito sobre a atividade motora e intelectual é perturbador, ou como reações positivas, cujo poder sobre as ações é ativador, energético. Wallon rompe com uma visão valorativa das emoções, buscando compreendê-las a partir das suas funções, e atribuindo-lhes um papel central na evolução da consciência de si.

Refletindo sobre o fato, de que as emoções tem uma importante contribuição para evolução da consciência individual, podemos compreender porque então os alunos da Escola Senador Correa se toranaram indivíduos tão críticos. Quanto mais a proposta pedagógica de uma escola caminhar de mãos dadas com a afetividade do aluno, maior será o autoconhecimento provocado dos discentes, os permitindo buscarem o seu lugar diante a sociedade que estão inseridos.

Assim como Piaget (1956) Wallon(1986), mostra-nos, que compartilha da idéia de que emoção e razão estão conectadas a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Após um período inicial em que se destacam as necessidades orgânicas da criança, Wallon identifica um outro período - aproximadamente a partir dos seis meses -, em que a sensibilidade social começa a se configurar. Esta etapa vai sendo superada à medida que os processos de diferenciação - entre si e o outro -, vão se tornando cada vez mais elaborados. Então, a afetividade atua dando espaço à atividade cognitiva. Heloisa Dantas (1990), estudiosa da obra de Wallon, cita que a relação entre emoção e razão, posta pelo autor: "A razão nasce da emoção e vive da sua morte."

O afeto dá sentido as nossas emoções. A aprendizagem é guiada pela emoção criadora, a criatividade. Para Bergson (1907), a emoção criadora é aquela que nos impulsiona a agir, permitindo que o espírito se liberte de pressões sociais, deixando-se dominar pelo puro fluxo emotivo, proporcionando a abertura da alma. Nós nos sentimos prontos para agir, como se a força da emoção nos arrastasse.

Ainda para Bergson, a emoção criadora está diretamente ligada á subjetividade, fator que proporciona aos seres vivos as escolhas, as hesitações, as experimentações possíveis e, sobretudo, a criação. Dentro de uma escala evolutiva, quanto mais complexos são os seres vivos, maiores serão suas chances de se criar, de se inventar e, proporcionalmente, menor

será o seu automatismo, seu determinismo. A subjetividade é condição para a inventividade dos seres, condição para vivenciar experiências, liberdade.

Como vimos é a partir dos afetos, que geram potência, que podemos criar, o que nos remete ao conceito de emoção criadora de Bergson. Da mesma forma que Bergson distingue a emoção criadora das demais emoções superficiais, tornando-a a única emoção capaz de promover a criação, Spinoza, por sua vez, demonstra que o afeto – que é a variação contínua da força de existir – é o que gera a potência de agir levando à criação.

A relação afetiva dos alunos com a escola e com os professores realmente foi um ponto em comum em todas as entrevistas. Inclusive uma das entrevistas que recebi, da ex-professora de teatro C.M veio acompanhada com do seguinte recado: “ Nina: Deixei uma questão em branco pois a minha memória anda um pouco prejudicada e o que ficou guardado em mim foram as relações afetivas.”. Com este relato podemos perceber que apesar da memória ter falhado para contar sobre um assunto específico o sentimento de se relacionar bem com as pessoas se consolidou, ficando guardado até os dias de hoje, e provavelmente para sempre.

Na entrevista da ex-aluna B.L ela cita que tinha abertura e intimidade com os professores, inclusive para procurá-los conversar sobre seus problemas pessoais. A ex-aluna J. M atribui à familiaridade com que éramos tratados e a receptividade dos funcionários criava um ambiente propício para construir amizades solidas, diferenciava esta escola das demais. M.F, ex-aluna, diz que a escola era sua segunda família, que encontrava nos professores amigos que além de escutar davam carinho, chegando até a chorar no colo deles.

Em meio a este ambiente escolar acolhedor os entrevistados citaram outros valores que foram construídos através destas relações. Um deles, que apareceu em muitas entrevistas foi o com o respeito ao outro, aprendemos a ver a diferença com algo positivo, as tem personalidades diferentes, o que leva a terem idéias diferentes. Este fator torna aprendizagem mais rica, pois, através da circulação de idéias podemos pessoas pensar sobre a mesma questão, mas enxergá-la de diferentes ângulos. Este respeito às opiniões do próximo ajudou a ampliar estas relações afetivas entre os alunos e a escola, já que mostramos ser possível sentir afeto pelo outro mesmo sem ter necessariamente a mesma opinião dele.

Finalizando, as emoções não são obstáculos a serem evitados, como sugerem algumas teorias psicológicas, educacionais e filosóficas. Nas interações com o meio social e cultural criamos sistemas organizados de pensamentos, sentimentos e ações que mantêm entre si um complexo entrelaçado de relações. Assim como a organização de nossos pensamentos

influenciam nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar. Assim, acreditamos que pensar e sentir são ações indissociáveis.

5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Estas entrevistas foram pensadas com o objetivo de reunir memórias escolares de antigos alunos e professores da Escola Senador Correia.

No intuito de tentar compreender melhor a proposta pedagógica da escola, foi preciso escutar as duas partes envolvidas nesta relação, os professores e os alunos.

Para reencontrar estes antigos alunos e professores, utilizamos um site de relacionamento (Orkut), que tem uma comunidade sobre a escola. Criamos um fórum contando que escreveria uma monografia de conclusão do curso de Pedagogia que teria como tema a escola. Isso feito, algumas pessoas se prontificaram a colaborar através de entrevistas enviadas por e-mails pela autora desta monografia. Muitos alunos ajudaram enviando o contato de e-mails de antigos professores e alguns também puderam colaborar. Foram enviadas 30 entrevistas, porém o número de devolução foi menor, seis professores e doze alunos, totalizando dezoito entrevistas. Houve a preocupação de que neste grupo tivessem pessoas de diferentes séries, no caso dos alunos, e de diferentes disciplinas, no caso dos professores.

A opção de enviar as questões por e-mail foi proposital, pois acreditamos que o ato solitário da escrita permite que consigamos, mais facilmente trazer a tona antigas memórias.

Percebemos ao analisar as respostas que, tanto os professores quanto os alunos tinham em comum uma lembrança afetiva ao descrever a escola, fato que provinha de um bom relacionamento entre toda a comunidade escolar.

A seguir, o leitor poderá através dos relatos analisar de forma compactada os principais pontos de cada resposta, separadamente as dos alunos e as dos professores. No anexo o leitor poderá ler, na íntegra, todas estas respostas.

5.1 EX- ALUNOS

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: _____

Idade: _____

Série/Ano que estudou na escola: _____

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi aluno da Escola Senador Correia. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola como um espaço para problematizar a vida”*. Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração, com carinho,
Nina Pereira.

1-Como aluno da Escola Senador Correa, relate alguma experiência vivida por você que considere marcante.

R: Os alunos consideraram marcantes as festas juninas, olimpíadas, feira de ciências, passeios e viagens. Também foram lembradas duchas e banhos de mangueira nos recreios junto com um sentimento de liberdade. A boa experiência de quem teve a oportunidade de estudar nas escolas de professores. O futebol, à noite na quadra que prolongava com satisfação o tempo na escola. Aulas de expressão corporal e o evento de 120 anos da escola também foram lembrados. Muitos foram unânimes ao citar o protesto contra o fim da escola.

Sua festa de despedida e mensagens de carinho a instituição, deixadas nas paredes, explicitavam a tristeza de ter que, contra vontade, deixar a escola.

2-Em sua opinião, o que diferenciava esta escola das demais?

R: Para os alunos esta escola se diferenciava das demais pela familiaridade com que éramos tratados e a receptividade dos funcionários para com toda a comunidade escolar. Esta boa relação entre todos estimulava vínculos afetivos e o incentivo a liberdade de expressão. Encontrávamos espaço para conversar sobre nossos problemas e nos sentíamos acolhidos. São citadas também as formas de avaliação diferenciada feitas por conceitos e problematizada nos conselhos de classe. A concepção alternativa de educação onde o aluno tinha participação ativa em seu processo de aprendizagem que respeitava as opiniões dos alunos auxiliando no desenvolvimento de competências como a consciência política e a construção do caráter como um todo. O estímulo do respeito e convívio às diferenças e a relação professor-aluno.

3-O que você considera mais importante ter aprendido nesta escola?

R: Os alunos relatam que foi importante a orientação recebida no sentido de aprender a se conhecer e refletir sobre si mesmo. Noções de respeito ao próximo e as relações interpessoais. Foram citadas também a amizade, a união, a formação de opinião e aprender a enxergar por outros pontos de vista. Aprenderam sobre a educação, que o papel do professor deve ser mais o de perguntar do que o de responder. Aprender a viver e a pensar.

4-A escola procurava propor atividades que trabalhassem principalmente a subjetividade do aluno. Como resultado, os alunos construíam um bom conhecimento a cerca de si próprio. Avalie de que forma esta autocrítica foi utilizada em sua vida.

R: Os alunos avaliaram a autocrítica desenvolvida na escola através de sua proposta, dizendo que esta contribuiu para o autoconhecimento e a auto-confiança. Disseram que aprenderam a ousar diante das dúvidas, controlar a arrogância e livrarem-se da timidez. Relataram que expor suas opiniões contribuiu para o desenvolvimento do carisma. Outros

contaram que esta autocrítica contribuiu para que muitos alunos se tornassem “cabeças pensantes diferenciadas”.

5- Um dos pontos altos da escola era promover debates a cerca de diversos temas propiciando uma livre discussão de idéias. Comente algum evento realizado que tenha sido significativo para você.

R: Entre estes debates foram citados alguns anteriormente ditos pelos professores que abordaram temas como sexualidade, revolução cubana, processo de leitura e escrita e drogas. Foram citados além destes os sarais, feiras de ciências e organização das eleições.

6- Outro sentimento consolidado pela escola foi o de família, os pais, os professores e os alunos eram muito unidos. De que forma você pensa que a escola pode ter favorecido a construção deste valor?

R: Os alunos relataram que o sentimento de família construído foi favorecido pela intimidade que tínhamos com os nossos professores. Este sentimento permitia que os alunos enxergassem lacunas na própria aprendizagem e tivessem liberdade para sugerir rumos diferentes aos professores.

Citaram que esta igualdade entre alunos e professores fez com que os pais também se unissem e se aproximassem. Estas relações eram estimuladas através de eventos que contavam com o auxílio na organização e presença dos pais. Os pais que fizeram a opção de inscrever seus filhos nesta escola apoiavam e acreditavam em uma educação alternativa a tradicional. Tinham vivido o período da ditadura e não queriam uma educação repressora para seus filhos. Alguns disseram que por ser uma escola relativamente pequena, duas turmas por série, foi mais fácil promover esta união. As aulas extracurriculares foram citadas já que por conta delas os alunos pediam aos pais para ficar mais tempo na escola, o que fazia com que os pais tivessem que esperá-los, com isso muitos pais se conheceram e se tornaram amigos.

7- Esta questão é para você se expressar livremente, fale sobre o que tiver vontade.

R: Estas respostas foram muito subjetivas e para serem analisadas será mais interessante ler o que cada um respondeu separadamente. As entrevistas encontram-se no anexo

5.2 EX- PROFESSORES

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome: _____

Idade: _____

Série/Ano que trabalhou na escola: _____

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correia. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola como um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,
com carinho,

Nina Pereira.

1- Relate alguma aula direcionada por você que considere ter sido marcante para os alunos.

R: Os professores contaram que suas aulas eram direcionadas por atividades que promoviam a criatividade, senso de improvisação e o contato corporal. Preocupavam-se com o envolvimento dos alunos com os projetos e abriam espaço para estes participassem e opinassem sobre a direção que os trabalhos realizados iriam tomar. Desconstruíam-se para construir como citou a professora J.C de teatro ao pedir aos alunos que criassem uma cena onde fizessem tudo que não se pode fazer em teatro.

2-Em sua opinião, o que diferenciava esta escola das demais?

R: Nesta respostas muitos professores relataram que os fatores diferenciais da escola Senador Correia eram a relação amorosa, afetuosa entre os professores, pais e alunos, o material humano e a participação ativa dos pais na Escola. A Escola aberta, onde os pais tinham livre circulação e os alunos também. A opção pedagógica era baseada nos idéias de Freinet. O intercâmbio cultural, a liberdade de expressão individual e coletiva, na autonomia dos alunos, diálogos e sua participação política nos assuntos escolares. Ainda o horário extensivo, o projeto humanista através do qual as atividades eram desenvolvidas.

3-Qual valor você considera mais importante ter transmitido aos alunos nesta escola?

R: Os professores consideram ter transmitido princípios morais sólidos como a solidariedade, respeito às individualidades, alteridade, honestidade, tolerância e justiça, através da democracia. Também foram citados o gosto pelas artes.

4-De que forma a interdisciplinaridade era trabalhada na escola?

R: Comentaram que a interdisciplinaridade tinha um importante papel na escola, a união da escola como um todo, já que as atividades eram segmentadas e os projetos organizados verticalmente. Um professor resumiu: Ela vinha de um ambiente de trabalho de pessoas envolvidas com paixão e sedentas por novas trocas. Professores procuravam uns aos outros para propor parceria entre as matérias, através de um projeto.

5- Como eram feitos os projetos e planejamentos a serem realizados pela turma? Existia autonomia por parte dos professores para desenvolvê-los?

R: Eram feitas leituras, discussão em grupo, considerando sempre a especificidade do aluno. Havia liberdade de criação por parte dos professores e pouca interferência da coordenação. Existia um tema gerador que era escolhido em reunião com toda a Equipe. Cada professor trabalhava o tema do seu jeito, desenvolvia atividades conforme sua criatividade e a das crianças, que sempre foram consultadas na implementação dos projetos.

6- Um dos pontos altos da escola era promover debates acerca de diversos temas propiciando uma livre discussão de idéias. Comente algum evento realizado que você considere ter sido significativo para os alunos.

R: Citaram palestras sobre drogas, a Eco 92, a comemoração dos 120 anos da escola, aproveitando onde cada turma transformou sua sala em uma década, permitindo assim a visitação pela história do Brasil. Discussões sobre sexualidade e suas doenças transmissíveis com a AIDS, debates político sobre o PT, partido que contava com a adesão de quase toda a escola, havia esperança sobre e a transformação social se fazia latente. Também ocorriam debates internos como as assembléias de turmas que propiciavam a reflexão sobre atitudes das crianças e estímulo a busca por soluções.

7- Outro sentimento consolidado pela escola foi o de família; os pais, os professores e os alunos eram muito unidos. De que forma você pensa que a escola pode ter favorecido a construção deste valor?

R: O espaço escolar estava aberto para atividades que ocorriam no entorno do bairro das Laranjeiras e a parcerias com ONGs. Muitas festas, sarais, confraternização entre pais e amigos colaboravam para a troca entre a comunidade escolar. Os pais se sentiam acolhidos por estas relações afetivas que tomavam conta de toda a escola, tinham voz ativa, compartilhavam das decisões e discutiam a escola de forma descontraída, tomando um chopp no barzinho ao lado da escola.

8- A escola enfrentou sérias dificuldades financeiras que resultaram em dívidas e por esse motivo foi obrigada a encerrar suas atividades. O que você considera ter acontecido que possa ter levado a instituição a esse tipo de dificuldade, resultando em seu fechamento apesar do comprometimento e empenho de tantos professores e alunos envolvidos com o trabalho?

R: Muitos professores atribuíram o fechamento da escola a sua administração equivocada e irresponsável. Dizem que não havia a mesma preocupação com as finanças como a que havia com a proposta pedagógica, por isso o projeto de tornou-se inviável, não se sustentando.

○

9- Faça uma breve dissertação sobre sua vivência e relacionamento com a instituição abordando aspectos profissionais e pessoais. Exprese-se livremente comentando sobre o que tiver vontade.

R: Estas respostas foram muito subjetivas e para analisá-las será mais interessante ler o que cada um respondeu separadamente. As entrevistas se encontram no anexo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Trata-se de buscar, através de processos participativos, a construção coletiva da Escola Cidadã, operando mecanismos de exclusão das classes populares e formar sujeitos históricos capazes de conquistar cotidianamente sua cidadania”

FEIRE (1996)

A educação escolar está inserida diretamente, no processo de formação do indivíduo. Ela tem o papel de realizar a mediação entre a esfera da vida cotidiana e as esferas não cotidianas e deve ajudar a consolidar o processo de constituição da individualidade humana, que se dá por meio da apropriação da cultura e sua valorização. Assim a sociedade poderá contar com sujeitos pensantes capazes de desenvolver suas potencialidades e trabalharem os seus defeitos, pois terão capacidade crítica sobre suas ações.

Ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Acreditando neste ideal, educadores de algumas escolas, como foi o caso da Senador Correia e seus professores passam a buscar formar alunos capazes de questionar e exigir a renovação de valores culturais, engessados há algum tempo, rompendo com o conservadorismo social vigente. Assim cria-se oportunidades para que eles se tornem homens livres, autônomos, mais responsáveis e que tenham condições de contribuir para a transformação desta sociedade.

Defendida por Freinet, a formação dos alunos a partir da incorporação pelos professores de uma proposta pedagógica que tenha como lema: respeitar o universo da criança, compreendendo as individualidades e diferenças de cada uma, trabalhando temas do seu cotidiano, estimulando seu desejo por apreender. Isso irá proporcionar uma formação que preparará o sujeito para a vida social.

Entendemos assim que o ambiente escolar é de extrema importância para a construção e consolidação dos conhecimentos circundantes na escola. O aluno precisa se sentir acolhido pela escola e, de fato pertencente, a este grupo social, buscando afinidades e respeitando as diferenças de cada indivíduo que lá se encontram. Este ambiente deve permitir que o aluno encontre na escola uma segunda família. O envolvimento de toda a comunidade escolar, pais, alunos e professores com o projeto da escola é essencial para que a educação seja pensada e realizada da melhor forma possível.

Através desta pesquisa podemos afirmar que as relações afetivas, que surgem a partir das trocas que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas, além de criar e fortalecer vínculos dentro do espaço escolar, auxiliam na efetivação da aprendizagem, permitindo que os alunos construam conhecimentos significativos que os acompanharão por toda a vida.

Compreendemos assim que nesta dinâmica o professor exerce um papel de orientador, mediando a aprendizagem através da indagação, provocando os alunos a problematizarem as situações cotidianas e levantarem hipóteses a cerca delas. Através deste contato peculiar com o conhecimento os alunos serão sensibilizados a assumirem uma postura crítica diante o mundo. Caso contrário, a educação escolar não fará sentido para o aluno, pois através de conhecimentos descontextualizados se sentirão perdidos e frustrados com dificuldade de se expressarem livremente, já que foram contidos de tal valor durante o período escolar .

Apoiando-se nos ideais de avaliação de Madalena Freire (1983) e na perspectiva formativa da avaliação adotada na Escola Senador Correia, ao exercer o ato de avaliar pense o passado e o presente para poder construir o futuro. Nesta concepção de educação, portanto, a avaliação é vivida como processo permanente de reflexão cotidiana. É sempre um processo reflexivo e interpretativo e, por isso, também traz em si a dimensão subjetiva.

Tendo por base todos os relatos de ex-professores e alunos da Escola Senador Correia, podemos concluir que uma escola que tem a preocupação de formar seus alunos através de uma visão crítica de mundo, além de deixar marcas afetivas profundas em seus alunos, tais relatos vislumbram uma sociedade diferente da que conhecemos.

Educar para a vida, tendo em foco a sociedade atual, necessita dominar e transcender os recursos tecnológicos, estimular a capacidade de questionar, de analisar criticamente e de tomar decisões. Simultaneamente, valores éticos e morais devem ser desenvolvidos permitindo ao cidadão harmonizar os conteúdos aprendidos na escola com a cultura de um mundo cada dia mais globalizado.

REFERÊNCIAS

Bergson, H : **A evolução criadora**, 1907.

Damáσιο, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Damáσιο, A. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Dantas, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

Fernandes, D. **Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas**. Lisboa: Texto Editora, 2005.

Freinet, C. **Para uma escola do povo**. São paulo: martins fontes, 1966.

Freinet, C. **Pedagogia do bom senso**. 2. Ed. São paulo: martins fontes, 1973.

Freinet, C. **Nascimento de uma pedagogia popular**. Lisboa: editorial estampa, 1978.

Freire, M. **A Paixão de Conhecer o Mundo**. Rio de Janeiro:Paz e Terra,. 1983.

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, P. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**, Rio de janeiro: Paz e Terra, 1996

Freinet, C. **Ensaio de psicologia sensível**. São paulo: martins fontes, 1998.

Gadotti, M. **Educação e poder: introdução à Pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 1984.

Kant, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. (tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70, 1960.

Luckesi, C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

Mészáros, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editora. Boitempo Editora, 2004.

Platão. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Perrenoud, P. **Avaliação - da Excelência à Regulação das Aprendizagens, Entre Duas Lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Piaget, J. **A psicologia da inteligência**. Editora Fundo de Cultura SA. Lisboa, 1967.

Piaget, J. ,INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Piaget, J. **O julgamento moral na criança**. Trad. E. Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

Silva, N. **Entre o público e o privado: um estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

Wallon, Henri. **A atividade proprioplástica**. São Paulo: Ática, 1986.

○

ANEXOS

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: J.C

Idade: 23

Série/Ano que estudou na escola: de 1990 a 1998

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida”*. Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam. Obrigado pela colaboração,

com carinho,

Nina Pereira.

Questionário

- 1- O dia do Didi: como tinha muitos botafoguenses, a escola promoveu um encontro em que estavam presentes alguns jogadores antigos do botafogo, inclusive o Didi, folha seca. Foi um dia muito divertido para as crianças, onde pudemos interagir com os jogadores, eu deveria ter uns oito anos, e ficou marcado como um dia muito feliz. Mostrou-me como a escola se importava com o social das crianças estarem interagindo com atividades extracurriculares.
- 2- A familiaridade com que éramos tratados e a receptividade dos funcionários, um ambiente propício para crescer amizades. Marcou-me muito a inspetora Miriam, o carinho que ela nos tratava.
- 3- Saímos da escola com uma consciência formada sobre nós mesmos, fazendo com que tornássemos confiantes sobre nossas opiniões futuramente. Uma vez na sala fizemos como um tribunal, que metade da turma acusava e a outra defendia. Isso foi bom para que pudéssemos enxergar os dois lados das situações.

4- Através da união, da receptividade dos funcionários, do ambiente propício a construção de amizades, não só entre alunos, mas como entre funcionários. As aulas extracurriculares como aula de teatro, futebol, capoeira e favorecia que passássemos o dia todo no colégio, tornando-o uma segunda casa.

5- Nas lembranças de hoje, vejo uma escola perfeita, onde encontramos tudo que precisávamos para se formar como pessoas de caráter, desde a receptividade dos funcionários, ao bom ensino dos professores, até as atividades extracurriculares que fez com que ocorresse uma ligação forte entre todos os envolvidos, inclusive os pais.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: T.S

Idade: 35

Série/Ano que estudou na escola: 6,7 e 8ª serie (1985/86/87)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

- 1- Eu era pré adolescente e achava que havia muita liberdade em relação a tudo, uma vez vi um aluno da 8ª serie sair do banheiro só de cuecas após tomar uma ducha, após a educação física e ninguém o repreendeu.
- 2- Uma escola que prezava a consciência política e a participação ativa do aluno em seu processo de aprendizagem.
- 3- A pensar, a refletir por mim mesmo ao invés de apenas decorar as matérias. A escola participava de passeatas e promovia a participação social em diferentes questões.
- 4- Como eu disse a matéria não era despejada, o aluno era levado a pensar a refletir, a participar ativamente no seu processo de aprendizagem

5- A Feira de ciências era um movimento que propiciava ao aluno escolher qualquer tema sobre o qual lhe despertava interesse, o aluno pesquisava a fundo sobre um tema e o exibia para o público. A feira era aberta a visitação pública.

6- Era uma escola relativamente pequena, o que facilitava essa união, porém, os pais que colocavam seus filhos lá se identificavam com a escola “alternativa”.

7- Foi a melhor escola em que estudei. Tinha liberdade para me expressar, minha opinião era levada em consideração e me sentia acolhido por todos.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: B. L

Idade: 23 anos

Série/Ano que estudou na escola: 1997 e 1998

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correia. Este “documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Entrei no Senador Correia, em 1997, ginásio, pois no colégio que me formei no primário só ia até a 4ª série. No Senador Correia, vivi as primeiras experiências adolescentes como a primeira paixão, o primeiro amor, coisa que quase todos os adolescentes vivem aos 12, 13 anos, mas para mim foi bem marcante, viver aqueles momentos marcantes da adolescência como ver o paquera jogando futebol no recreio (intervalo). Mas com certeza a experiência mais marcante foi descobrirmos o fechamento da escola porque bateu uma tristeza muito grande, medo de perder as amizades, o paquera, a convivência diária com professores tão maravilhosos.

2- A liberdade de podermos nos expressar nas aulas, irmos à secretária, conversarmos com a diretora, interagirmos nas aulas, podendo mudar elas um pouquinho, as aulas

ficavam dinâmicas por conta dos alunos, a boa relação e intimidade com os professores de podermos comemorar o aniversário deles em sala de aula, nada era mecânico, tínhamos a liberdade de organizar festas, ter idéias e levá-las a direção da escola.

3 - Valorizar a liberdade de expressão, fazer bom uso dessa liberdade, usando-a para criar sem prender a imaginação.

4 - Como já citado acima, o colégio nos dava a liberdade de opinarmos, criarmos e certamente isso contribui muito para o autoconhecimento. Essa autocrítica me ajudou a não me reprimir, com certeza.

5 - Os eventos realizados durante o período que estudei no colégio foram saraus e festas, não lembro nenhum debate.

6 - Dando-nos abertura e intimidade com nossos professores.

7 - Espero que ninguém se sinta ofendido com o meu projeto futuro de roteiro do colégio Senador Correia, porque é na verdade uma homenagem a escola e aos alunos.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: V.A

Idade: 36 anos

Série/Ano que estudou na escola: – Estudei em 1998

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este “documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1– Fui aluno da Escola de Professores e a experiência marcante nesse curso foi o curso em si. Com duração de um ano apenas, nesses encontros eu entrei e contatei com uma quantidade imensa de informações, práticas, conceitos, teorias, idéias, vivências, enfim, eu realmente construí conhecimento sobre a difícil tarefa de educar. As aulas eram de 2ª à 6ª e eu costumava dizer que a distância entre a 2ª e a 6ª feira era de anos-luz, pois ao final da semana havíamos experimentado e conhecido tanto que a própria idéia de tempo ficava meio diferente. Tudo isso, porém, não tinha uma carga pesada. Apesar de cansado, eu me sentia alimentado e cheio de sentidos. Foi um curso que, certamente, mexeu muito com o meu projeto de vida.

2– A concepção de educação. A idéia de que educar é estar vivo, é viver a contradição, conviver com o diverso e, ao mesmo tempo trazer para perto um cabedal de conhecimentos de todos os tipos e para todos os fins.

3- Que o papel do professor é o de perguntar, a si e aos outros, muito mais do que responder.

4- Particpei do curso já na idade adulta. De qualquer forma, dentro dos objetivos do curso, acho que o trabalho nessa escola contribuiu muito para uma idéia do fazer pedagógico como algo eminentemente coletivo. Eu já sabia que o trabalho em equipe é mais produtivo, mas o curso trouxe referências muito fortes para que eu pensasse no trabalho educativo como algo que precisa ser coletivo, apesar de toda a tradição de se pensar no professor como um profissional solitário.

5- Um debate que aconteceu na Casa da Leitura, em Laranjeiras, sobre o processo de Leitura e Escrita em Cuba e a Revolução, com a presença da Secretária de Educação daquele país. Não me lembro se foi um evento especificamente realizado pela escola, mas lembro-me de ter trazido muitas reflexões para o processo que empreendíamos em sala de aula.

6- Como disse, eu já era adulto e essas relações se dão de outra forma. De qualquer forma, uma coisa que eu costumava dizer era que o curso havia nos formado de tal forma que éramos capazes de enxergar as lacunas do próprio curso, o que obviamente só era possível pela relação que se estabelecia entre os alunos e os professores.

7- Eu via o movimento da Escola Senador Correa de longe, pois o curso era à noite e, raramente, eu estava na escola em outro horário. De qualquer forma, o curso de formação de professores não funcionaria naquele espaço, da forma com que funcionou, se não mantivesse os valores e sentidos da escola que o abriga. Como disse anteriormente, esse curso fundou para mim um profundo sentido do que é educar, além de ter-me munido de referências teóricas e conceituais de fundamental importância, as quais utilizo até hoje (11 anos depois de ter cursado), aliás, representa para mim uma grande prova da eficiência de sua metodologia o fato de eu rememorar com clareza dessas ferramentas, tão caras para mim no meu cotidiano de professor.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: T.G

Idade: 23 anos

Série/Ano que estudou na escola: até 1998 (6ª série, quando o colégio acabou)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1 - Recordo-me das Olimpíadas e de um evento comemorativo aos 120 anos do colégio. São experiências que considero marcantes.

2 - A relação entre alunos, pais, professores e funcionários era ótima. Como se fosse uma grande família. Algo que eu não vi nem um bocado no outro colégio que estudei assim que saí da Senador.

3- Resumidamente falando: aprender a viver, a pensar.

4- Minha vivência nesta escola é uma grande referência na minha relação interpessoal. De certa forma eu acredito que foi uma excelente base para minha formação de caráter e forma de pensar. Acho que o estilo alternativo do colégio contribuiu e muito para que os alunos se tornassem cabeças pensantes e alunos diferenciados.

5 - Recordo-me que minha mãe foi voluntária no colégio uma vez. Ela é assistente social, foi para conversar com os alunos sobre sexualidade. Foi um debate envolvendo professores e alunos. Achei interessante.

6- Senador Correia, sempre foi uma grande família. Ao contrário de outras instituições, eu acredito que não somente os alunos, mas também os pais e professores ajudaram a “fazer o colégio”.

7 - Recentemente eu estive no atual Senador Correa, depois que o mesmo se tornou um colégio municipal. Nunca tinha entrado depois de tantos anos. Ao mesmo tempo em que me espantei por não existir mais nada do colégio anterior (como a quadra, cantina, pátio de areia, dentre outras construções) só de estar lá dentro veio na cabeça diversos momentos marcantes que vivi naquele colégio.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: M.F

Idade: 26 anos

Série/Ano que estudou na escola: 5A a 7ª (1995 a 1998)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

- 1- O jogo de futebol da turma de 6ª série, comandado pelo professor Cadão e as aulas de expressão corporal da Vandinha
- 2- A forma de avaliação feita pelos professores por conceito, do qual a nota era de “ A “ e era avaliada pelo conselho de classes, com coordenadores, ou seja, o aluno não era avaliado apenas pela nota da prova e por um todo; os alunos tinham abertura de dividir problemas pessoais com os coordenadores e psicopedagogos do colégio e se grave poderia ser dividido com os pais ou não, só se o aluno quisesse, o q fazia a gente se sentir seguro e ter uma segunda família
- 3- Muito mais do que as matérias em si, aprendi muito sobre mim e me libertei de condutas que adotada e aprendi a ser segura de mim mesma pelo q eu sou, tive muita ajuda de coordenadores e professores que viraram definitivamente amigos para uma vida toda

4- Como na resposta anterior, isso foi muito importante na minha vida, me descobri como pessoa e foi muito importante para o desenvolvimento do caráter, a minha autoconfiança se desenvolveu totalmente nessa época

5- A escola tinha um forte grupo muito unido e esse grupo procurava se mover para conseguir ajudar na educação de seus alunos, umas das coisas q achei mais legal foram as aulas que tínhamos de sexologia e exercícios lúdicos para mostrar a importância do uso da camisinha e os cuidados contra DST, da 5ª a 8ª isso era muito importante.

6- Para mim a escola senador correia foi totalmente a minha segunda família, eu era muito rebelde e me sentia muito sozinha porque não tinha com quem dividir os problemas, na escola encontrava professores, coordenadores q estavam de prontidão para me escutar e me dar carinho, quantas vezes já chorei no colo de algum deles e com o tempo fui me soltando e fazendo amigos e amigos q até hoje fazem parte da 7ª série. A escola senador correia me fez enxergar o mundo como algo mais colorido, com arte, com vida, com alegria e com, na época demorei a me sentir dentro dela, mas hoje, em vários momentos sinto q ela esta dentro de mim e que tudo q aprendi lá foi utilizado a favor

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: R.M

Idade: 29

Série/Ano que estudou na escola: de 1983 (pré-escolar até 1994 (oitava série)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Acho que existem tantas... Festas Juninas, Olimpíadas, feiras da ciência, peças de teatro, escolinha de musica da Lili, escolinha de futebol do André, saídas de fim de ano... Mas eu acho que por estar longe do mar essa viagem foi inesquecível. Foi em 1993, sétima série. Fomos para Paraty e ficamos um fim de semana lá, numa pousada muito boa, café da manhã sensacional, piscina e é claro o contato com a natureza.

Conhecemos-nos o centro histórico da cidade e também fomos à praia. Por hoje estar morando na França acha que dou muito mais valor a esse tipo de experiência.

2- Essa pergunta p/ mim é bem complicada porque eu só estudei na Senador e o segundo grau no CEAT, que tem filosofia parecida. Então comparar é meio complicado. Mas, eu acho que a Senador conseguiu estabelecer uma relação mais horizontal entre professores e alunos sem perder o respeito. Eu diria mesmo que por causa do respeito, essa relação foi

produtiva na construção pessoal dos alunos que lá estiveram. No Senador, a gente não aprendeu a se impor pela autoridade, mas pelo diálogo, pela discussão, pela razão. E isso estimulou cada um a defender suas próprias idéias. De fato, isso abre caminho para o segundo grande capítulo da resposta que é o “não julgar”. É um pequeno paradoxo porque vindo de uma instituição laica parece até algo de religião do tipo: “*não julgue o próximo*”. Assim, o fato de você aceitar o outro te ajuda e se adaptar melhor onde quer que você esteja. É um papo meio de bêbado, mas acho que vai dar para você tirar alguma coisa.

3 - Eu vou responder essa pergunta com o segundo capítulo da resposta da pergunta “2”.
“*Não julgue o próximo*” o que induz uma noção essencial de respeito

4- Ih, complicado responder isso por escrito...Em francês existe uma expressão que diz “grande gueule” (pede p/ minha te explicar). Tradução literária “grande cara”. Quer dizer alguém, que diz o pensa independentemente dos outros. Um “grande geule” no meio de um grupo sempre vai se destacar... Um grande ou você adora ou você detesta. E eu acho que a sociedade atual te empurra meio que te impõe a ter esse tipo comportamento e de personalidade. Talvez seja algo meio ocidental, sei lá, eu não conheço o mundo árabe nem asiático. Eu não sou um “grande gueule”, então freqüentemente rolam umas perguntas internas, uma dúvida, uma angústia na cabeça. A Senador me ajudou e me ajuda a me dizer “vai fundo”, “faz e defende aquilo que você acredita”. Depois rola um papo de sinceridade consigo...as isso é assunto p/ outra monografia. O cara que trabalhou comigo no ano passado me deu um texto do Bergsson que chama em francês “le rire” (o riso). Pedir p/ minha mãe ele deve ter.

5- Ih, eu não me lembro de uma discussão específica. Mas eu me lembro que uma vez a gente organizou umas eleições. Eu acho que na época era eleição p/ governador e deputado, nem sei mais. Mas, só o fato da escola deixar a gente organizar isso já é uma discussão nela mesma. Não é uma discussão em torno de uma mesa, mas outra forma de discussão. Ah, me lembrei... No primário, todos os dias a gente chegava, sentava em roda no chão e cada um contava as novidades. Precisa de mais expliação?

6- Eu sei que rolavam varias reuniões entre os pais e os professores. De repente, os pais que colocavam as filhos na Senador sabiam que era uma escola baseada em valores

diferentes dos tradicionais. Eu diria que os valores tradicionais são o “resultado”, a “performance” escolar, a “nota”, a disciplina pela disciplina. E talvez, esses pais e professores, num período pos-ditatorial (nem sei se escreve assim) não queriam isso para seus filhos. Sei lá, estou mandando umas hipóteses bem subjetivas, sem nenhum fundamento teórico. Concluindo, eu acho que esses valores comuns tais quais, respeito, dialogo, escuta... ajudaram essas pessoas a se encontrarem.

7- Ih, essa questão é da minha mãe... não? Fala a verdade Nina. Então vou falar meio sem rumo... Outro dia aqui na França vi uma reportagem na televisão sobre o sistema educativo na Finlândia, que parece ser o exemplo europeu. O que se destacava é que eles parecem ter conseguido individualizar ao máximo o ensino. Por exemplo, quando um aluno está em dificuldade, em vez de ser reprovada, a escola monta uma estrutura de reforço em torno da criança. Resumindo, o que eu entendi é que eles, finlandeses, não se baseiam na performance escolar. Assim, eles são mais voltados para a construção das pessoas. Para materializar o que eu estou dizendo, rolavam umas matérias sobre nutrição (educação alimentar), respeito do meio ambiente, “bricolage” (pede para minha mãe te explicar)... Bom, de repente o núcleo intelectual da Senador se mudou para Finlândia e 30 anos depois mesmo se a escola fechou na praça São Salvador ela brota em outros lugares do mundo. E como eu sou vascaíno eu diria: o sentimento não para!!!

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: J.M

Idade: 25

Série/Ano que estudou na escola: 1990 a 1998

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Lembro que no ultimo dia da escola todos os alunos picharam os muros da escola, deixando mensagens enquanto estavam todos nitidamente emocionados com seu fim

2-A forma que se referia aos alunos lidava com eles, dando muita importância a suas opiniões, a formação do caráter, ao acesso a informação. A desenvolver outras aptidões, como esportes extracurriculares, a dança, teatro, capoeira, letras de musicas diferentes, como Chico Buarque, Gilberto Gil e entre outras que não eram as mais escolhidas entre as crianças e adolescentes. Promovendo sempre eventos para manter não só o aluno no colégio de manha ate a noite, mas também os país, os professores assim como os ex alunos.

3- A formar opinião. A olhar os demais por outro ponto de vista, a não discriminar os outros...

4- Uma vez a escola promoveu uma palestra com um ex drogado, que veio contar aos alunos sobre sua historia de vida. Lembro-me que fiquei bem impressionada, mas que gostei muito de ouvir sua historia de vida, que já tinha roubado os pais varias vezes, que chegou ao fundo do poço, várias overdoses. Achei muito interessante para os alunos. Outro evento que achei legal para os alunos era uma matéria que tivemos sobre conhecimentos sexuais, com uma sexóloga. Acho que é um papel muito legal que a escola ocupava com isso tudo, são assuntos difíceis de serem abordados, mas que ao mesmo tempo precisam ser esclarecidos para os alunos.

5- Acho que me tornou um ser humano mais liberal, com a cabeça mais aberta, livre de preconceitos, mais autoconfiante, com um valor de amizade muito bem consolidado

6- Acho a metodologia muito interessante, com a intenção de educar os alunos, deixando-os livres para ser quem quisessem ser. Fortalecendo o sentimento de família, a importância dos pais e a relação dos professores.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: R. B

Idade: 25 anos

Série/Ano que estudou na escola: 1989/1984

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- A festa de despedida da escola... Até hoje me lembro, e me marcou muito o fato de ver pessoas que nunca estudaram lá chorando, se emocionando, como se tivessem crescido lá. Pois a escola acolhia até quem não estudava lá.

2- Na Senador Correa os alunos podiam opinar, questionar os assuntos da escola da mesma maneira que os professores e coordenadores. Era uma escola “liberal”, claro que com suas restrições, como qualquer escola. O aluno sempre estava em primeiro lugar.

3- A amizade. A união.

4- Depois que sai da Senador (na quarta série) foi um pouco difícil, fui pro Benetti, uma escola religiosa, completamente diferente da Senador, fiquei um pouco perdida até o final do segundo grau.

5- Uma viagem pra Itaipava. Acho que foi a primeira viagem com a escola, que dormi fora da minha cidade e sem minha família. Foi uma viagem muito marcante.

6- Acho que pelo fato dessa igualdade entre alunos e professores fez com que os pais se unissem, pois não é qualquer pai que gosta desse tipo de escola, então isso fez com que eles se aproximassem.

7- Entrei na Senador em 1989, tinha seis anos. Sentia-me mais em casa do que na minha própria casa. Lá eu não me importava com os estudos como primeiro plano, mas de certa forma ele estava em primeiro plano, pois sempre a primeira coisa que fazia quando chegava em casa era fazer os deveres. Os professores tratavam os alunos realmente como filhos, tanto que tinha vezes que nos encontrávamos até nos finais de semana, bebendo em um bar com nossos pais, em alguma festinha de amiguinhos, enfim... Ir pra escola era um momento mágico, acordar cedo não era um problema, o problema mesmo era a hora de ir embora, sempre queria dormir na casa de alguma amiga, ou levá-la pra minha casa... Acho que por isso os pais se tornaram amigos, pois sempre pedíamos pra ficar só mais um pouquinho, os deixando eles esperando. Bom se eu for falar do tempo que vive na Senador... Vou usar muitas páginas... rrsrs

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: E. V

Idade: 37 anos

Série/Ano que estudou na escola: de 1977 a 1984 (C.A a 7ª séries)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

- 1- Vivi muitas experiências no Senador Correia, mas considero a mais marcante a que tive quando participei da feira de ciências municipal, representando a escola (a memória não me deixa lembrar se foi em 1981, ou 1982). O local da feira foi o Instituto de Educação (aquele da Rua Mariz e Barros – Tijuca).
- 2- Hoje penso que o Senador Correia estimulava a criatividade do aluno, mais até que o ensino formal (minha humilde opinião).
- 3- Respeitar e conviver com diferenças - ainda que você discorde delas bem como emitir suas opiniões.
- 4- Acredito que uso o que aprendi para ousar quando tenho dúvida, como também para frear minha arrogância.

5- Lembro de uma vez (1980, ou 1981) em que houve uma eleição que simulava a eleição para governador do Rio de Janeiro. A maioria dos alunos votou no Brizola; eu fui da turma do contra

6- A escola estimulava essa relação quando promovia eventos franqueados aos pais e parentes dos alunos. Por exemplo: festas juninas, feiras de ciências, bazares, etc.

7- Quando o meu pai faleceu, o Senador Correia, na medida do possível, apoiou minha família. Foi nessa época que eu e meu irmão tivemos “bolsa de estudos”, podíamos ficar na escola, praticamente, o dia inteiro (manhã e tarde), dentre outras coisas que não consigo lembrar. Isso tudo aumentou o vínculo com a escola, com os amigos, mas essa mistura não foi duradoura: precisei que sair do S.C., eu precisei crescer. O Senador Correia tinha virtudes, mas pecava no ensino formal (aquele que dava a base para um segundo grau sem traumas, pois no meu tempo havia vestibular difícil). É claro que me refiro às carreiras convencionais (medicina, engenharia, direito, etc.). Contudo, o fato de não possuir um “ensino forte” não desmerece a Escola Senador Correia, pois, ao menos, havia liberdade de expressão.

ENTREVISTA PARA O ALUNO

Nome: R.C

Idade: 25

Série/Ano que estudou na escola: sexta série duas vezes (1997-1998)

Ao entrevistado:

Se você está recebendo esta entrevista é porque foi antigo aluno da Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”*. Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas, já que trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Durante os dois anos em q estudei no senador, acho q o fato q mais me marcou foi o "protesto" que os alunos e até alguns funcionários fizeram ao saber que o colégio seria vendido....Isso só mostra o amor que todos tinham pelo Senador...Dificilmente isso é visto em outros colégios .

2- Já estudei em vários colégio do Rio de Janeiro,mas com certeza nunca existiu um que os alunos fossem tão unidos como lá no senador....Conheci quase todo mundo do colégio e fui com a cara de todos,o que é raro pra um adolescente...Os coordenadores e professores também sabiam fazer muito bem o papel de amigo, sem desgastar aquela relação aluno/professor....E isto fazia a senador uma escola diferente...

3- Com certeza aprendi a me relacionar não só com pessoas da minha idade(alunos),quanto pessoas mais velhas(funcionários)...Ainda mais eu,que no ano anterior,tinha vindo de um colégio extremamente rigoroso com a disciplina dos alunos...Lá mostraram que pode haver disciplina sem aquela chatice da maioria dos colégios...

4- Uma coisa que eu acho de extrema importância, mas que não é visto em quase nenhuma escola(ou nenhuma) é a liberdade que o aluno tem para fazer suas escolhas....As aulas de expressão corporal eram chatas na época mas hoje em dia eu vejo a importância dela...com certeza me ajudou no dia a dia....principalmente por eu ser uma pessoa tímida, ainda mais na época do colégio....

5- Me lembro muito bem de um debate feito sobre as drogas na sala onde tinha aulas de música....Foi chamado um ex viciado que deu depoimentos de sua vida....Não sei se foi pela minha idade,mas foi bem marcante pra mim,lembro de vários trechos desses depoimentos....

6- Eu acho que a escolha dos profissionais da escola foi fundamental pra que o Senador seja reconhecido assim...Não basta a escola ter essa metodologia,os professores têm que saber lidar com os alunos dentro da sala de aula e os coordenadores fora da sala....A prova de que essa união funciona é o fato de eu não ter recebido quase nenhuma advertência durante os dois anos que estudei lá...E no colégio anterior,era suspenso toda hora...A prova de que o aluno não era o culpado....

7- Resumindo: Senador Correia dava aula de como se relacionar com seus alunos e pais de alunos....É uma pena que meu filho não vai ter a mesma honra que eu tive....

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome: W. Q

Idade: 50 anos

Série/Ano que trabalhou na escola: "Ginásio" de 93 a 98.

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: "*Senador Correa: a escola com um espaço para problematizar a vida.*" Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

- 1- Na realidade foi mais que uma aula, foi um projeto sobre o livro "O mundo de Sofia", com a oitava série. O envolvimento dos alunos com os temas levantados no livro com certeza marcou a vida de muitos deles, que até hoje recordam do projeto.
- 2- A opção pedagógica. Baseada nos construtivistas e centradas em um pensador em particular: Celestin Freinet. Sem dúvida as "aulas-passeios", "jornais coletivos", "intercâmbio com outras escolas, inclusive comunidades indígenas, assentamentos do MST, tudo isto antes da internet e da redemocratização do país.
- 3- Alteridade. Ver o outro, sentir o que outro sente estimular a tolerância com o contraditório, aceitar a diferença como princípio básico para a democracia.

4- Através de projetos. Dos mais diversos, da festa junina organizada verticalmente, desde o pré-escolar até o “ginásio”, depois até o “2º grau”, até as visitas a exposições em museus, corredor cultural, teatros, cinemas etc.

5- Coletivamente. Os projetos eram apresentados em reuniões de planejamento e organizados de acordo com seu tamanho. Havia grande respeito à autonomia/autoral de cada docente.

6- Foram muitos e posso destacar, entre eles, ao menos três: o debate sobre a “A Ética do Vírus”, onde debatemos a AIDS, o Ébola, e os vírus de computadores. A morte de Ayrton Senna e o papel do “herói” nas sociedades modernas. A questão da Reforma Agrária – MST, junto com o Teatro do Oprimido.

7- A Escola como seguidora de Freinet, sempre manteve as portas abertas, não só as famílias, mas também a comunidade no entorno. Artísticas locais, ONGs, associações sempre utilizaram o espaço, na maioria das vezes gratuitamente para seus eventos e eventualmente estes se tornavam parceiros orgânicos da Escola, confundindo projetos. Daí o hábito da troca e da confraternização de pais e amigos dentro do espaço escolar em ritmo de colaboração.

8- Má administração financeira. Todo este movimento e abertura tinham seu custo e este sempre foi negligenciado. O uso, muitas vezes tornou-se abuso, as portas abertas tinham seu ônus se não administradas com inteligência. No final o projeto tornou-se insustentável.

9- Particularmente foi uma época de reconstrução. Após uma experiência sindical ruim, resolvi investir em minha formação pedagógica e a Senador foi o lugar ideal. Conhecer os pensadores construtivistas, a psicologia educacional e principalmente Freinet, foi decisivo para minha vida pessoal e acadêmica.

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome: E.C

Idade: 52

Série/Ano que trabalhou na escola: 1º. e 2º. anos

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Para os alunos de primeiros anos usava um trabalho de contato corporal onde os alunos juntavam seus corpos de forma que a proximidade entre eles pudesse propiciar o rolamento de um companheiro (auxiliado por mim) como se sobre uma esteira humana. Esta atividade e a experimentação anterior de diversas formas de rolar sobre um colchão de ginástica artística levantou várias situações de crianças tímidas aderindo às aulas, questões relacionadas à sexualidade no contato corporal e quebrou a rotina de jogos que são sempre esperados por boa parte da turma.

2- Tive a felicidade de trabalhar em escolas que se pareciam muito na abordagem pedagógica que propunham. Nesta mesma época em que trabalhei na Senador Correa era professor do CEAT e da EDEM. A característica particular da Senador era o horário extensivo após o encerramento do turno da tarde onde alunos, pais e professores conviviam em atividades esportivas, artísticas e em reuniões de comissões que verdadeiramente contribuía para o projeto coletivo, democrático e humanista da escola.

3- O respeito às individualidades desde que haja também a sensibilidade para o respeito à coletividade. Todos devem ter o seu espaço de expressão, solidariedade e interferência responsável no cotidiano de sua aprendizagem.

4- O prazer pelo fazer coletivo entre professores e coordenação e a vontade de ser criativo, reinventando as práticas pedagógicas tradicionais era uma diretriz na escola. A interdisciplinaridade vinha como fruto de um ambiente de trabalho com pessoas envolvidas com paixão no seu trabalho e sedentas das trocas pouco praticadas nas escolas mais tradicionais. A interdisciplinaridade veio a ser uma palavra chave na educação, assim como a inclusão das diferenças individuais após já ter sido praticada, ainda que empiricamente, nas escolas de vanguarda do Rio de Janeiro, entre elas na Senador Correa.

5- No meu caso, na Ed. Física, eu era balizado pela coordenadora Liliâne, que via na Psicomotricidade um caminho adequado dentro da sua visão crítica a cerca da práxis nesta disciplina nas suas experiências anteriores. A inadequação das propostas e dinâmicas oriundas do viés essencialmente calcado nos jogos como queimado, futebol e pique bandeira lhe angustiava. Entrei então com o trabalho de pesquisa teórica e busca de dinâmicas e vivências corporais, jogos diversificados e uma base da ginástica olímpica que já estava avançada no meu trabalho no CEAT, onde a equipe buscava esta linha. Apresentava o planejamento global balizado em unidades de oito ou dezesseis aulas onde ia percebendo a resposta da turma ao trabalho para aprofundá-lo um pouco mais ou não.

6- Para os anos menos adiantados o que me lembro era das discussões entre as próprias crianças da turma mediadas pelo professor para resolverem problemas internos e tomarem decisões. Isto era muito interessante na preparação para visitas a museus e passeios, onde decidíamos o planejamento das atividades no dia. Me lembro de um passeio até uma praia do Recreio dos Bandeirantes que foi um dia maravilhoso para as crianças.

7- O convívio escolar incluía os pais no cotidiano da escola muitas vezes reeducando estes pais que vinham de relações infelizes ou difíceis em sua vivência escolar. O acolhimento e a configuração de uma relação diferente, mais humanista, de valorização e afirmação das crianças e jovens e politicamente crítica e progressista fazia com que muitos vivessem uma segunda escolaridade estabelecendo diferentes formas de participação na comunidade escolar.

8- Falhas administrativas do gestor da escola que ampliou os gastos de forma inconseqüente usando dinheiro de sua família para tapar os buracos até que esta situação se tornou insustentável diante da inflação, do achatamento da classe média que sustentava a escola que se viu frente à inadimplência, insolvência dos pagantes em um estilo perdulário de administração. Para isto pode ter contribuído a forma amadora, porém, politicamente correta na época, de decisões referendadas por assembléias onde os dados nunca eram muito claros ou consistentes. No início da crise houve muita tensão entre a administração e os professores.

9- Foi uma época muito feliz, pessoalmente e profissionalmente, onde me estruturei como educador dentro da minha área, a Ed. Física, que busquei muito mais pela minha paixão pelos esportes do que pela Educação. Vivi a efervescência da escola pois, ficava após o turno da tarde nos meus dias de trabalho quando aconteciam práticas esportivas para os adultos (peladas), shows, saraus, teatro e fiz algumas amizades. Vivia a escola junto com a minha adesão irrestrita ao projeto político-pedagógico do CEAT, que vivia seu apogeu, e por isso me absorvia. Tinha uma visão de que a Senador Correa era menos complexa por ter um padrão definido e por isto mais fácil de funcionar guardando então minhas energias de participação para o castelo. Ainda na mesma época trabalhava na EDEM onde tinha mais amigos, por isto fiquei pouco tempo na Senador (2 ou 3 anos) e pedi para sair pois estava iniciando um trabalho com atendimentos particulares de Shiatsu que era financeiramente mais interessante. Isto foi uma decisão difícil porque gostava muito de lá, porém, tinha que diminuir a minha carga horária que estava me matando. Fiquei dividido entre largar a Senador ou a EDEM e como a minha carga horária era menor lá acabei me desligando. Continuei freqüentando os eventos da escola e o barzinho da praça onde revia os amigos e, com tristeza, acompanhei o processo de fechamento da escola.

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome: J.C

Idade: 59

Série/Ano que trabalhou na escola: 1988-1996 (todas as séries)

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correa: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Como professora de Teatro, a aula mais marcante foi uma, para a primeira série do segundo grau (turma do meu filho Pedro), em que eu pedi para eles inventarem uma cena onde fizessem tudo que achavam que não se poderia fazer em teatro. Foi muito proveitoso, todos se divertiram muito e ouvi vários depoimentos de que foi a melhor maneira de aprender a fazer teatro que eles já tinham tido. É importante frisar que entrei com professora de teatro substituindo a Isabel, que tinha sido demitida e de quem os alunos gostavam muito, a ponto de, nas primeiras aulas, um grupinho ter feito boicote, se recusando a assistir. Viramos grandes amigos, depois, e eu era convidada inclusive para algumas festas e para jogar boliche com eles. A maioria dos convites eu recusava, por causa do Pedro. Quem, nessa idade, quer ter a mãe junto nessas “paradas”, afinal de contas?

2- Era o material humano. Não tinha piscina, nem laboratório de ciências, nem computador, mas tinha professores especiais, donos de um preparo invejável e que, ao mesmo tempo, tinham olhos, ouvidos e coração aberto (aliás, no caso do coração, escancarado, seria a palavra mais adequada); tinha alunos maravilhosos, atentos e críticos, (que nos empurravam pra frente), também cheios de amor pra dar e, por fim, tinha pais atuantes, interessados e apostando que ia dar certo. Essa combinação de forças eu nunca mais vi, em nenhuma das escolas em que trabalhei.

3- Princípios morais sólidos (Honestidade, solidariedade...) e cidadania

4- Ainda tateávamos nesse caminho. Como professora de Teatro fez alguns trabalhos com a equipe de história e de português. Lembro que “interdisciplinaridade” era uma novidade muito discutida em nossas reuniões mas pouco posta em prática, até quando saí de lá.

5- Eram feitos com muitas leituras, discussões em grupo e, sempre, considerando o aluno que tínhamos tão especial e diferenciado. Existia autonomia total, no meu caso. Mesmo os outros professores, me lembro, de pouquíssima interferência por parte da coordenação. Aliás, excetuando-se a Mariza e a Liliane, as outras coordenadoras que tivemos (e aí incluo todas, da Ana Duque, na pré-escola até a Tereza) eram bem fraquinhas. Os professores levavam o projeto pedagógico adiante apesar delas,.

6- Me lembro de uma vez que, o tio de um aluno, um homossexual assumido (o tio) e que havia perdido seu companheiro vítima de AIDS, foi na escola falar sobre o assunto. Teve outra palestra, também, com egressos de uma penitenciária, que deixou os alunos em polvorosa. (mas me lembro vagamente desses eventos, pois eu estava sempre lá na frente, coordenando o Espaço Cultural, á noite.

7- Eu acho que é um desses encontros que, para acontecer, depende de tantas pequenas coisas, que acontecem no momento certo, desde os astros e os deuses estarem favoráveis até fatos incomuns como o bar do Bigode, em frente, onde pais e professores discutiam a escola de forma descontraída enquanto os alunos estudavam nas várias oficinas que o Espaço Cultural oferecia (escolinha de futebol, com o André, musicalização com a Lii...) até o amor e o respeito que havia dentre professores e alunos.

8- Sem dúvida uma administração equivocada e irresponsável.

9- Acho que já me estendi até demais. A Senador, pra mim, foi o melhor lugar onde trabalhei. Foi também uma grande escola de vida. Aprendi muito na troca com colegas, com os pais e, mais ainda, na relação com os alunos. Quando eu entrei na escola, foi como professora do pré. Um dia, eu disse pro Fabinho, (um aluno de 4 anos), que eu gostava muito dele. A resposta me deixou paralisada: “- Ah, é? Então porque você não me abraça?” Nesse momento eu entendi que não poderia trabalhar com os pequenininhos, pois eles precisavam de um contato físico maior e a minha forma de demonstrar afeto era mais na brincadeira, na cumplicidade, na “sacanagem”. No ano seguinte eu estava dando aula no C.A, que foi uma das experiências mais gratificantes da minha vida.

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome:C.M

Idade:55

Série/Ano que trabalhou na escola: Com a pré Escola

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correia. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,
com carinho,

Nina Pereira.

Questionário

1- Na verdade não foi só direcionada por mim mas também com o prof. de teatro, Pedro, que fazia uma parceria e tanto. Depois de brincar de roda com as crianças uma música chamada “tango-tango”, fiquei imaginando o que seria tal coisa. Levantamos a questão na turma e o Pedro que era bom de desenho foi desenhando o que era um tango-tango. Tinha patas de ornitorrinco, mas não me lembro do resto. O fato é que o Pedro depois contruiu com as crianças um tango-tango de papel marché. Foi muito legal. Isto é construtivismo.

2- A relação amorosa, afetuosa (que também envolve desavenças), entre os professores, pais e alunos. A participação ativa dos pais na Escola. A Escola aberta, onde os pais tinham livre circulação e os alunos também.

3-Aprender a valorizar não só o estudo acadêmico, como implantar o gosto pelas artes de um modo geral. Pela História do País, dos seus personagens, sendo trabalhado de forma prazerosa o conhecimento e a informação.

4-Foi o lugar em que vi a possibilidade do professor extra-curricular, se inserir no Planejamento das atividades de maneira complementar. Algumas vezes o Tema gerador era trazido pelos professores de arte e trabalhados de diversas formas com as crianças, envolvendo conteúdo de linguagem, matemática, conhecimentos gerais, etc.

5-Existia um Tema gerador que era escolhido em reunião com toda a Equipe. Cada professor trabalhava o tema do seu jeito, desenvolvia atividades conforme sua criatividade e a das crianças, que sempre foram consultadas na implementação de um projeto.

6- A Escola nos seus 125 anos, fez uma comemoração super interessante que foi revisitar as décadas nestes 125 anos. Cada turma se encarregou de uma década e assim pudemos revisitar a História do Brasil desde o finalzinho do século passado até o tempo atual. A História foi dramatizada, cantada em verso e prosa, e com todos os componentes que poderiam complementar a narrativa. Inclusive a própria edificação da Escola, já era digna de muitas histórias, considerando que a princesa Isabel montou ali a 1ª Escola Normal do Império, vindo a lecionar Corte e Costura (reza a lenda).

7- Portas Abertas. Simples assim.

8- A irresponsabilidade de seu Diretor, que passou anos sem recolher o INSS e o FGTS dos seus funcionários. Fazia retiradas astronômicas sem saber o que isso iria resultar na receita e pagamento dos compromissos do Colégio.

9- È muito fácil falar do Senador e ao mesmo tempo difícil, porque nos reportamos a uma época de nossas vidas que tenho certeza, ficará para sempre no lugar das boas lembranças, apesar de nem sempre a convivência ser só prazer.

O mais importante para mim foi ver o compromisso que tanto educadores quanto pais tinham com a Educação, a transmissão do saber de forma inteligente. Não àquelas aulas de cuspe e

giz. Não a nada que fosse impossível de ser releito, revisto, revisitado e contado de outro jeito.

O conteúdo pedagógico da Escola, sempre atendeu à demanda de seus alunos e não o contrário. Esta forma de trabalhar em Equipe, fazia um caldeirão com um bom caldo em que todos os palpites, viagens, serviam de tempêro para ilustrar uma boa aula.

ENTREVISTA PARA DOCENTES

Nome: N.R

Idade: 43

Série/Ano que trabalhou na escola: CANTO CORAL Curso do Centro Cultural (não estava no currículo) – 1990 – 1993.

Ao entrevistado:

Você está recebendo esta entrevista porque trabalhou na Escola Senador Correa. Este documento é parte integrante da minha Monografia, que tem como tema: *“Senador Correia: a escola com um espaço para problematizar a vida.”* Sua opinião será de extrema importância para realização e comparação das experiências vividas. Trabalharei principalmente com as memórias daqueles que lá estudaram e trabalharam.

Obrigado pela colaboração,

Com carinho,

Nina Pereira

Questionário

1- Respondeu a esta pergunta enviando uma dissertação de doutorado sobre uma das peças teatrais, O Circo, que desenvolveu na Escola Senador Correa com o Coro Corado, coral da escola de nome escolhido pelos alunos.

2- A liberdade que concedia para a realização de qualquer projeto de interesse da comunidade da escola, em especial dos alunos envolvidos. A importância dada à: expressão (individual e coletiva), autonomia, diálogo, criatividade, participação política na formação de seus alunos.

3- Solidariedade.

4- De várias formas: através de projetos desenvolvidos por uma equipe de professores onde um mesmo tema era abordado pelos diferentes campos de conhecimento; no projeto

desenvolvido por um só professor com a intervenção de outros profissionais tratando de aspectos “específicos” num aprofundamento que seguia o fluxo dos alunos ou o próprio professor pesquisava o tema apresentando diferentes entradas (por diferentes disciplinas). Sempre envolvendo a pesquisa dos alunos, tendo essa ação a centralidade do processo da construção do projeto (exploração de conteúdos, elaboração de procedimentos, produção dos alunos – no caso do coral; invenção de uma história, roteiro de espetáculo, construção de personagens, improvisações musicais, composição de uma música).

5- Não posso responder com precisão pois não participava das reuniões regulares dos professores da escola uma vez que meu curso acontecia no Centro Cultural e desenvolvíamos projetos independentes. Esporadicamente desenvolvíamos projetos em comum mas geralmente ele já estava definido pela equipe que se reunia regularmente. Quanto ao coral isso variou ao longo dos seus 4 anos de existência. O primeiro projeto foi a montagem de um pequeno musical tendo como tema o enredo de uma estória (Dora, Rosa e Flora) escolhido por mim. Algumas músicas já eram parte desse musical, outras eu inseri de acordo com a possibilidade técnica e gosto musical do grupo, sendo uma inclusive de composição do grupo (cânone rítmico). Nos outros anos os temas foram escolhidos pelo grupo: Meio/Ambiente, Circo (sobre uma história inventada pelo grupo), A Flauta Mágica (sobre uma história de Ruben Alves). O planejamento inicial era feito em conjunto e depois, ao longo do ano, havia uma retomada desse planejamento com uma avaliação geralmente no final do primeiro semestre. As atividades eram planejadas por mim de modo a seguir o processo de produção vigente com envolvimento do grupo. A interação entre os cantores e a capacidade de expressar-se individual e coletivamente através dos sons eram partes centrais dos encontros. A grande meta era a montagem de um espetáculo ao final do ano. Mas nunca sabíamos de antemão onde “chegar”. Tudo era uma composição: cada exercício, cada encontro, cada música, cada apresentação (tínhamos outras “menores” ao longo do ano).

6- Participação na abertura da convenção mundial das Crianças na Eco 92 (circo voador): cantamos músicas indígenas e ouvimos crianças representantes de diversos países falando sobre a urgência de uma mudança nos modos de habitar o mundo. Encontro com profissionais do circo onde, após uma breve performance destes, havia oficina e/ou uma roda com perguntas. Fez parte do Projeto “A História de um Circo...” Os cantores se mostram envolvidos por estarem em contato direto com profissionais por eles representados no

espetáculo em montagem. A visita do Palhaço XuXu (Luiz Carlos Vasconcelos), morador do bairro de Laranjeiras, foi marcante: já foi entrando escola adentro com o seu monociclo, fez uma oficina deliciosa e conversou longamente com o grupo sobre a aventura de ser um palhaço: falou sobre a importância do palhaço para a cidade, sobre o riso e a tristeza, sobre a arte circense e a música. Ensinou truques, cantou, tocou bandoneón, pintou o sete e o rosto da Roberta (que estava construindo seu personagem - um palhaço). Foi inesquecivelmente divertido e profundo.....

7- Estimulando a solidariedade, a capacidade de se expressar (afetivamente, intelectualmente – tudo junto), de escutar o outro, de compartilhar decisões; cultivando em todos os âmbitos de ação o respeito mútuo, o afeto, as práticas democráticas (argumentação, discussão, votação, transparência, etc).

8- Não sei avaliar. Afastei-me por completo da instituição após o término do Coro Corado. Mas sentia, na época em que trabalhava lá, muita participação pedagogia mas pouca participação administrativa. As “contas”, o balanço financeiro, o \$, não tinham tanta importância como os planejamentos, as discussões pedagógicas em geral. Acho que pode ter sido isso....

9- A escola Senador Correia foi um marco na minha vida profissional. Lá conheci colegas interessantíssimos, muito competentes com os quais troquei experiências que afetaram minha forma de pensar a educação. Também pude desfrutar, pela primeira vez na minha vida, de um espaço de total liberdade! Isso era lindo, mas também me amedrontava... Ter passado por lá me fez mais convicta quanto aos princípios que ainda hoje me norteiam na educação: liberdade de expressão, relação dialógica, aula como espaço de tensão, agenciamento e prazer, música como encontro consigo e com o outro no mundo. Outro dia comentávamos, eu e uma grande amiga, professora da Senador na mesma época: “sabe...foi maravilhoso dar aula naquele espaço que só a Senador Correia tinha, para termos a certeza de que é possível uma outra forma de fazer educação (...). O triste é que só lá que a gente conseguia fazer daquela forma.....”

FOTOS

Obras executadas para a SMU pela Genco, enquanto "obrigação de escola".



Fachada original da escola



A escola estava em péssimo estado



A fachada reformada



Os fundos da escola, no canto o anexo reconstruído.



Totalmente restaurada a Escola Senador Correia foi assumida pela Prefeitura e voltou a funcionar.



Sala de aula da Escola Municipal Senador Correia em funcionamento.



Anexo onde funcionava a Educação Infantil



Apresentação teatral para as crianças



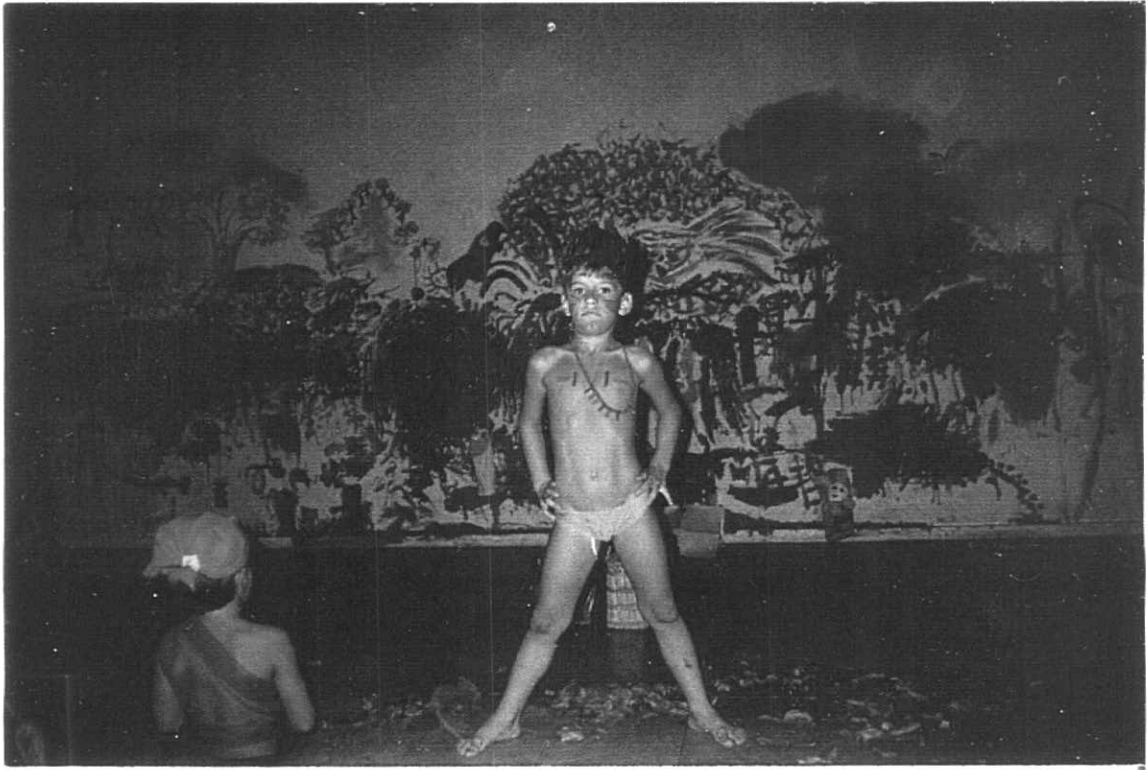
Apresentação teatral para as crianças



Apresentação teatral para as crianças



Atividade folclórica – Dia do Índio



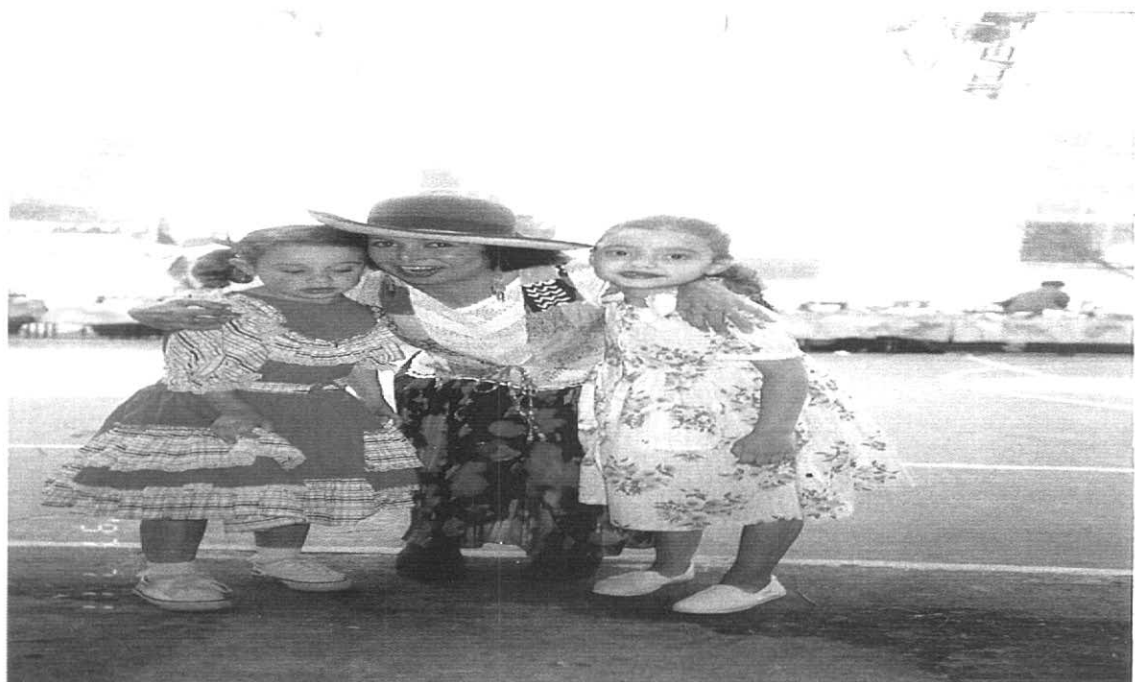
Atividade folclórica – Dia do Índio



Festa Junina coordenada por três professores que participaram das entrevistas desta monografia



Festa Junina



Festa Junina



Bar do Bigode – Momento de descontração entre pais e professores



Atividade de sensibilização musical



Momento de Confraternização entre pais, alunos e professores



Momento de Confraternização entre pais, alunos e professores



1ª Série - 1978





C.A - 1977

Jardim II - 1978





Jardim III - 1979



Fachada atual da Escola Senador Correia-2009



Senador Correia - 1994

2ª série - 1994



4ª série -1996

Podemos perceber a evolução dos uniformes. A primeira camiseta tradicional era branca, a segunda vermelha até chegar nas coloriadas, onde cada aluno escolhia sua cor predileta. A partir do Ensino Médio o uso da camiseta não era obrigatório. O logo do arco-íris simbolizava a diversidade, tão difundida pela escola.


 Associação Promotora da Instrução
ESCOLA SENADOR CORREIA
 Rua Esteves Junqueira, 100 - Tel. 225-3706
 Laranjeiras

Nome **MARILIA SIZEM**
DA VICTORIA

VÁLIDA ATÉ **MARÇO** DE 1979

Isa Guimarães
 DIRETOR



Curso **1º GRAU**
 Turma _____ Série **JARDIM**
 Residência **R. BUARQUE DE MACEDO**
 N.º **43/103** Bairro **CATETE** Tel. _____
 Data Nascimento **13** de **JUNHO** de 19 **74**

Ass. Aluno



Nina Reis Pereira – Formanda em Pedagogia pela UNIRIO e autora desta Monografia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Nina Reis Pereira
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A Escola Senador Correia:
a escola como espaço para problematizar a vida
ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Maria Amélia Gomes Souza Reis
Nota: ~~7,0 (sete)~~ 10,0 (dez) AM
Considerações: em anexo

DATA: 20.07.2009

Assinatura: Sandra Albernaz de Medeiros

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Andra A. de Medeiros

Nota: 9,0

Considerações:

Monografia cheia de apito o que em se mesmo demonstra a importância de uma escola na qual as diferentes dimensões do ser são consideradas.

Muito boa monografia!

Data: 15.07.2009

Assinatura: Andra Medeiros

RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Média final |
|-------------|-------------|-------------|
| 10,0 | 9,0 | 9,5 |

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 2009
Medeiros

Prof. Orientador

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Parecer e nota avaliativa da aluna

NINA REIS PEREIRA

Foi com grato prazer que li a monografia de final de curso de Nina, aluna dedicada aos estudos e preocupada com a causa da educação que se deseja emancipatória.

Seu relato de experiências como estudante de uma escola a seu ver exemplar e aos olhos de muitos, inovadora para sua época, me comoveram pela intensidade com que fala de sua vida de aluna e como esta vivência era percebida por seus pais. Conseguiu com seu trabalho articular academicamente vida e arte, história e emoções em aprender e ensinar como materializa Paulo Freire em suas obras.

Destaco em seu trabalho a preocupação com a fidelidade dos relatos, embora na metodologia adotada deixe de apropriar-se delas com maior consistência. Afinal, não há como se exigir de um trabalho científico inicial, como o é uma monografia de final de curso, um mergulho metodológico aprofundado.

Saiu-se bem e persegue um tema importante para o avanço das ciências da educação. Espero que continue e, certamente com o mesmo empenho aqui demonstrado.

Diante do exposto e da organização conferida ao trabalho em que realiza um exercício de pesquisa reunindo, ainda que em embrião, teoria e prática, confiro-lhe a nota máxima DEZ, aguardando notícias de sua trajetória futura no campo das investigações e práticas em educação.

PARABÉNS